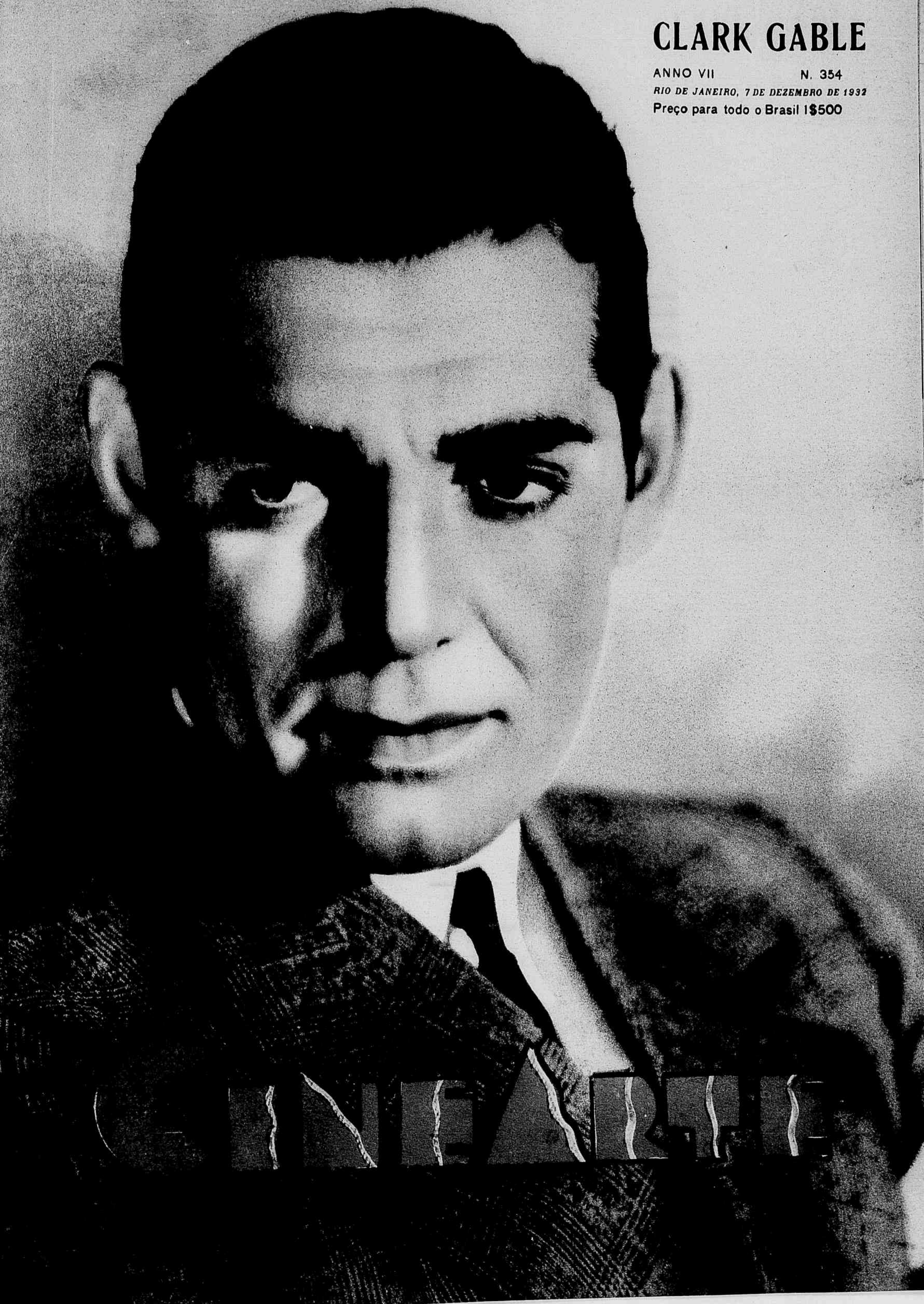
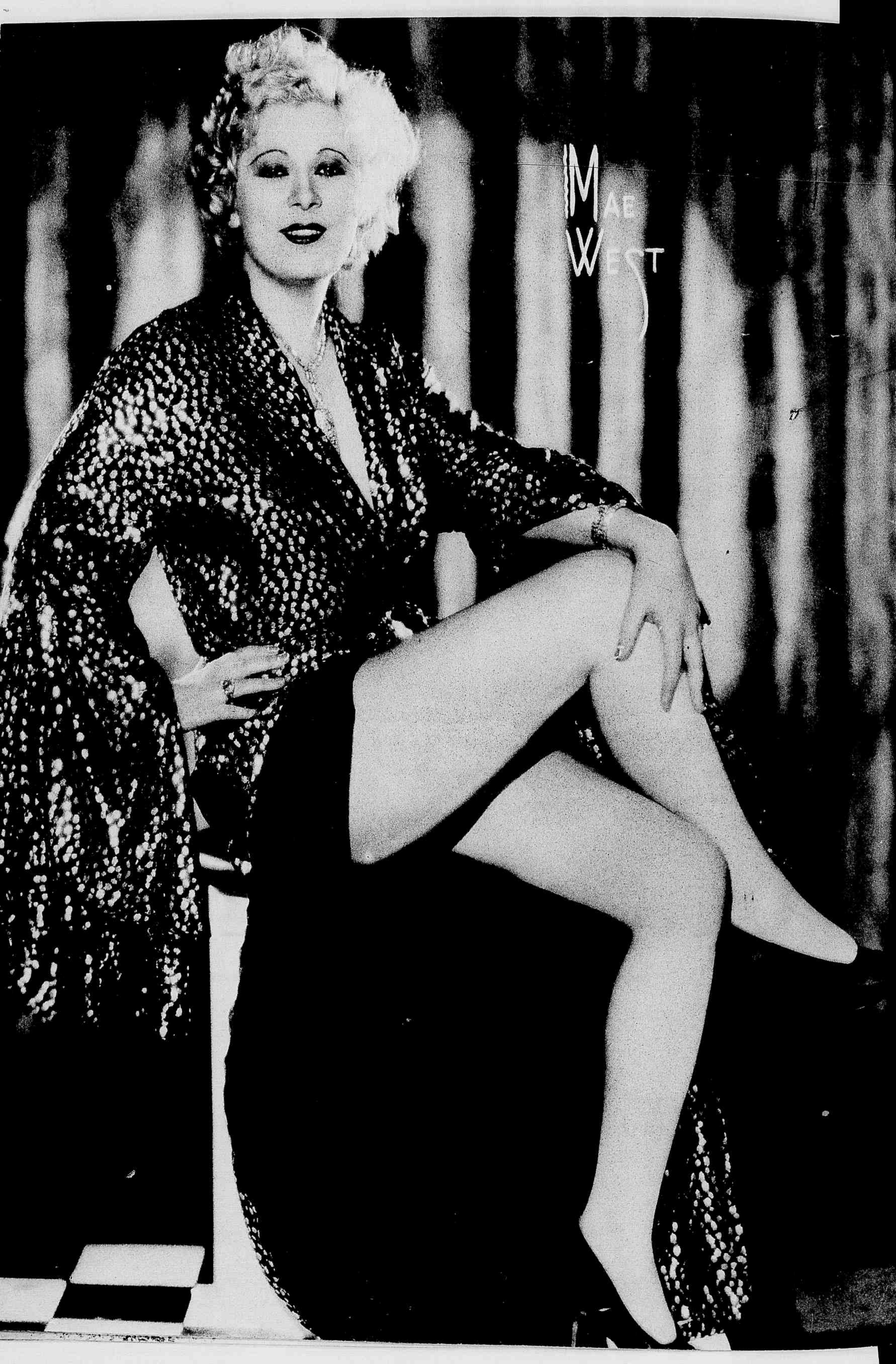
CLARK GABLE
ANNO VII N. 354
RIO DE JANEIRO, 7 DE DEZEMBRO DE 1932
Preço para todo o Brasil 1$500

MAE
WEST

CINEARTE

Charles Butterworth, aquelle secretario de Warren William em "Negocios á parte". Mas esperem vel-o como apaixonado de Jeanette Mac Donald em "Ama-me esta noite".

ESTÃO muito enganados os que pensam que, fazendo reparos á lei que creou a censura federal e ao modo por que foi regulamentada, e vem sendo executada, nos collocamos em opposição á mesma.

Absolutamente.

Sabemos que isso seria ir de encontro aos bons desejos da maioria dos importadores de Films que sempre viveram nos melhores termos com a extincta censura policial e que affirmam terem os mais fundados motivos de queixa contra o novo departamento federal.

Essa má vontade vem se manifestando com arte e manha nas secções Cinematographicas de certos jornaes.

Com arte e manha dizemos porque o interesse mascara-se sob a capa de uma mentalidade que se diz emancipada de umas tantas convenções que só os velhos teimosamente conservam, cousas archaicas que já não têm cabimento, na epoca actual, cuja manutenção é um attentado á liberdade de pensar, de dizer e de exhibir poucas vergonhas.

Apenas isso.

Critica-se a mentalidade da commissão de censura Cinematographica, apenas.

Melhor seria volver ao primitivo processo da censura policial em que as nomeações eram feitas apenas para attender a pedidos de politico; em que era possivel a um censor, no balcão de uma agencia, assignar os certificados de todos os Films em stock, de uma só vez, embolsando as taxas correspondentes; em que pela primeira parte vista se avaliavam todas as restantes, quando havia pressa e assim por deante.

Poderia isso ser muito commodo para os importadores, não resta duvida e não o contestamos. Mas foi justamente contra isso que sempre se bateu a nossa revista pugnando pela creação da censura federal, ora existente e com todos os seus defeitos vae prestando inestimaveis serviços, saneando os programmas.

Certos Films que vêm sendo censurados, cortados, prohibidos, se o exhibidor quizer delles auferir lucros que os entregue ao Phenix onde os espectaculos ao menos são annunciados como do genero *sceintifico*, isto é, destinados a estudar as mazellas sociaes e as outras.

Querer, porém, impingil-os em casas frequentadas por gente limpa que não quer ver sua familia exposta a tristes surpresas de que foi outr'ora muitas vezes victima, e isso á sombra de uma censura condescendente, isso é que não é possivel.

Nossos reparos em vez de visarem a destruição do apparelho que auxiliámos a instituir visam antes melhoral-o para o tornar mais efficiente.

Podem os individuos que nada têm a perder, que até parece não terem tido jamais um lar, protestar contra os censores, acoimando-os de retrogados, de hypocritas, de tudo quanto da censura têm dito em todas as partes do universo os interesses dos exhibidores.

Isso não abalará a nossa convicção de que pugnando pela moralisação do espectaculo Cinematographico atravez um apparelho censorial criterioso, mais fazemos pelo Cinema, pelo seu progresso, pelo seu desenvolvimento do que os seus pretendidos amigos que o querem ver morto pela desmoralização, pelo desprezo geral.

A certos espectaculos jamais vae a gente limpa, porque limpa.

Quanto ao resto, ahi estão *moulins* e Films *scientificos* para lhes satisfazer o gosto, os appetites.

Fazemos este commentario apenas para responder á missiva que nos veiu ás mãos denunciando as manobras que já começaram a ser postas em pratica pelos que declararam guerra á censura federal.

Entre estes ninguem nos encontrará.

Muito pelo contrario, cerraremos fileira com os que desejam vel-a agir com mais efficiencia ainda, dentro de uma organização melhorada.

TALLULAH BANKHEAD e PAUL LUKAS
com Cary Grant e Harry Beresford em

Escrava da Paixão

(THUNDER BELOW)

Ela não compreendia a Vida sem o Amor, e quando se viu ameaçada por essa iniquia sentença preferiu desaparecer para sempre!

SYLVIA SIDNEY com FREDRIC MARCH
Adrianne Allen e Skeets Gallagher em

Quando a mulher se oppõe

(MERRILY WE GO TO HELL)

O ente humano luta para ser feliz, mas quantas vezes a felicidade só se deixa conquistar ao preço de lagrimas de sangue!

SARI MARITZA com IRVING PICHEL
Gene Raymond e Marguerite Churchill em

Mandamentos Esqueeidos

(FORGOTTEN COMMANDMENTS)

Um idilio sangrento, no panorama politico-social da Nova Russia.

O Anjo da Noite

(THE NIGHT ANGEL)

com NANCY CARROLL
e FREDRIC MARC

Ela, uma flor do baixo mundo. Ele, rei de um mundo infinito. Um dia os dois se uniram, e conjurados contra eles, dois mundos não conseguiram separa-los.

BREVEMENTE A AUREA DUPLA DE SEMPRE:

MAURICE CHEVALIER e JEANETTE MAC DONALD em

Ama-me esta noite

LOVE-ME TO NIGHT)

Uma fantasia comica, tocada pelo dedo magico de ROUBEN MAMOULIAN.

como os typos curiosos e interessantissimos de Lú Marival e Déa Selva.

Está a Cinédia, pois, com a sua "mobilização" quasi terminada. Varias providencias vão ainda ser tomadas para a perfeição das Filmagens sonoras e ahi então um preparo e tratamento rigorosos para a producção que naturalmente vae ser augmentada.

A Cinédia deve aproveitar o som com arte e não como arte. Mais como um factor industrial, porque é preciso lembrar mais uma vez que os dialogos não devem contar e desenvolver a historia e as situações e sim a acção.

E' preciso frisar que os Films devem ser sonoros e não falados. A fala deve apparecer como um som...

Certos Films americanos têm causado boa impressão, embora *feitos* erradamente com muitos dialogos, porque no Brasil não se fala inglez e todo aquelle vozerio estrangeiro passa com um simples som...

Em certos Films, se a gente entendesse bem o inglez atrapalhava tudo...

Assim como passam, a platéa guia-se pela concisão dos letreiros e ouve sons mesmo que sejam de palavras...

Não sabemos se estamos sendo entendidos, mas em Cinema isso está certo.

Daqui fazemos um appello a Cinédia que tão acertada e decididamente está procurando fazer Cinema, para que saiba adosar os seus Films de sons em geral.

Agora que os preparativos vão sendo terminados, chamamos a attenção da Cinédia para a sensatez das nossas palavras.

Visitas ao Studio da Cinédia. Alcides Pimentel, notavel Cinematographista de Recife; Bartholomeu Marques, chefe da firma que explora o Cinema Moderno na mesma cidade; José Augusto, socio gerente do mesmo Cinema e Dr. José da Silva, director e redactor-chefe do "Diario da Manhã", ao lado de Adhemar Gonzaga.

Carmen Santos.

Cinema Brasileiro

Lú Marival faz annos amanhã... E' o unico anniversario de Dezembro, dentre os elementos artisticos do nosso Cinema, talvez para realçar mais ainda esse dia glorioso da estrella de "Ganga bruta", que tanto successo tem feito e tantos **fans** tem angariado, mesmo antes de ser conhecida na téla.

"Cinearte" tambem se regosija com a data e daqui envia os mais sinceros votos pela felicidade pessoal de Lú e o seu futuro no nosso Cinema. Lú Marival vae receber amanhã, dia 8, muitas felicitações e abraços e ella é bem merecedora de tudo isto e do nome Cinematographico que alcançou nesse curto espaço de tempo em que está no Cinema Brasileiro. Faz pouco tempo que ella era escolhida para o papel que tem no novo Film da Cinédia e poucas foram as estrellas nossas que angariaram tanta popularidade e tantos **fans**, assim como Lú Marival já angariou.

ooooOoooo

O dia e a noite de terça-feira passada constituiram um grande acontecimento nos Studios da Cinédia.

Nesse dia chegaram ao Studio os ultimos caixotes do modernissimo material technico que Adhemar Gonzaga adquiriu nos Estados Unidos, em Agosto passado. Dias antes já haviam sido recebidas diversas machinas de laboratorio que vieram, sem exaggero algum, dar um aspecto de magestosidade aos laboratorios da Cinédia. Terça-feira, chegaram os apparelhos de SOM! Foi uma alegria e um enthusiasmo geral, de todo o pessoal do Studio...

Os caixotes eram abertos debaixo de verdadeiras acclamações e cada peça dos apparelhos que era retirada das caixas occasionava uma nova e grande expansão de alegria. O delirio culminou quando foi terminada a montagem do apparelho de experiencia de som e nelle foi exhibido e ouvido um "test" de voz, realisado com os apparelhos, em Hollywood, pequenino Film falado por Gilberto Souto e Roulien, "test" este que muito sensibilizou todo o pessoal da Cinédia pelas palavras de Gilberto que deixou no Studio tantos amigos e especialmente pelas expressões de Roulien, palavras cheias de animação e encorajamento, mostrando que mesmo lá de longe, o nosso patricio bem querido não esquece o Brasil e o que se tem procurado fazer aqui por uma industria que mais do que todas precisa ser nacionalisada. Roulien tambem aproveitou a opportunidade para enviar algumas palavras de carinho aos seus, de maneira que mais tarde foi o "test" ouvido na sala de exhibição da Fox por pessoas de sua familia, com a assistencia tambem dos Cinematographistas Alberto Rosenvald e Francisco Serrador.

A' noite a Cinédia recebeu innumeras visitas, todas ansiosas por admirarem os apparelhos de som, sendo todos unanimes em elogiar as experiencias feitas e ainda o aspecto elegante dos mesmos.

Foi offerecida uma taça de Champagne em regosijo aos grandes progressos que vem tendo o Cinema Brasileiro e depois exhibidas no Cinema do Studio varias partes de "Ganga bruta", cujas qualidades, principalmente a photographica, agradaram immenso assim

GINGER ROGERS
E
BILL BOYD
EM
"O AMOR FEZ DELLE UM HOMEM"

Ralph Bellamy está agradando. Ainda ha semanas vimol-o naquelle juiz de "No portal da vida". Agora appareceu em "Manda quem pode", angariando novamente sympathia.

MANDA QUEM PODE — (Disorderly Conduct) — Film da FOX — Producção de 1932.

Nós, aqui no Brasil, que vivemos dizendo que fulano "levou bola" e sicrano é deshonesto, dizendo isso com a facilidade com que se toma uma laranjada gelada numa tarde quente, temos obrigação de assistir MANDA QUEM PODE. Lá, Estados Unidos da America do Norte, paiz onde as perfeições e os defeitos attingem phantasticas proporções, tambem existem cavalheiros que "levam bola" e outros mais deshonestos do que o amigo que nos aborda para uma facada... A questão é que nós fazemos sempre do Brasil um caso separado. Crimes, jogatina, roubalheira, falta de caracter, malandragem, a gente pensa que é fatalmente do Brasil. O brasileiro, apesar grande patriota nos momentos necessarios, tem uma especie especial e interessantissima de patriotismo quando em tempo de paz: — arraza o que é delle; commenta desfavoravelmente o paiz; só encontra imperfeições. E quando assistimos a um Film como SCARFACE — A VERGONHA DE UMA NAÇÃO ou a outro como este MANDA QUEM PODE, sentimos o espanto de quem vê que o vizinho tem os mesmos habitos sem que a gente cuidasse disso...

Roubalheira, deshonestidade, negocios illicitos, má conducta não são previlegios deste ou daquelle paiz. Todos têm cidadãos assim. O homem differe em côr, em local de residencia, em caracter, mas não differe na origem. Todos são a mesma cousa.

John W. Considine Jr. dirigiu esta historia de William Anthony Mc Guire com enthusiasmo e *savoir faire*. E' uma direcção inspirada, a sua, e isso a gente palpitantemente sente durante o desenrolar do Film. Além disso, um elenco esplendido comprehendeu sua funcção e diverte durante todo o tempo da projecção.

E' a historia de um policia que quiz ser honesto cumpridor de seus deveres e encontrou a influencia politica diante de si subornando os fracos e eliminando aos fortes. E tornase deshonesto tambem. O castigo final fal-o voltar á conducta decente. Mas o final, sente-se, é uma cousa que a bilheteria impoem e os Films apresentam, felizes, haja o que houver. Para mim, por exemplo, o Film termina no momento em que Spencer Tracy devolve o dinheiro do suborno e tomba desfallecido. O romance que elles engendram e desenvolvem no ultimo momento, entre Sally Eilers e Spencer Tracy é até ridiculo, principalmente na resolução de Spencer de seguil-a, depois de commentar aquelle bilhete com o collega. Felizmente os bons *fans* comprehendem onde é que terminam os Films e recebem com um sorriso no canto dos labios os finaes feitos de encommenda.

Spencer Tracy domina o elenco. Elle é realmente esplendido. Seu todo é magnifico. Seu sorriso, no emtanto, é a cousa mais ironica que já se viu em Cinema. Esplendido! Neste papel de Dick Fay, então, tem *chance* de se exhibir e fal-o com convicção e alma. Elle será idolo, ainda, no seu genero, é logico. Ralph Bellamy, a seu lado, igualmente optimo. Consta que ambos Filmarão a versão falada de SANGUE POR GLORIA. Não é má a idéa. São uma dupla esplendida e já estão ensaiando as discussões...

Sally Eilers, com pouca cousa a fazer, mas tambem feliz em seu desempenho. E' uma carinha que o Cinema ainda consagrará definitivamente, com certeza. Além destas tres principaes figuras, menos importantes e em identico plano de merito: — Ralph Morgan, ultimamente em grande evidencia; El Brendel, Alan Dinehart, Cornelius Keefe (engordou e agora apparece-nos como villão, apesar da dentadura postiça...), Sally Blane, Nora Lane, Dickie Moore e Claire Maynard. O nosso veterano Pat O'Malley apparece numa ligeira pontinha, o pobre. Reparem bem. Outrosim, o antigo villão de Fims maritimos, Pat Harmon.

Boa a direcção de Considin.

Cotação: — BOM.

CASAR E' ASSIM (The First Year) — Film da FOX — Producção de 1932.

Não é o melhor Film da dupla. Charles Farrell, mesmo, já esteve melhor em ESPERANÇA, com Marian Nixon e Janet Gaynor ja fez melhor Film, PAPAE PERNILONGO, com Warner Baxter... Mas é muito melhor do que DELICIOSA e é um bom Film.

A historia é theatral e William K. Howard, embora enchendo o assumpto de bom Cinema, ainda assim não se esquivou da dialogação excessiva que sempre fica de um assumpto que tem seu berço no palco. Apesar disso, o cerebro habil de Howard, um dos bons e modernos directores de Hollywood, agiu pela historia toda e naquellas fusões bem dosadas, por exemplo, ou na orientação da photographia de Hal Mohr assim como naquella sequencia do casamento, toda ella ligada por fusões cujos inicios são a cauda do véo da noiva a passar. Sua maneira de dirigir tambem é caracteristica e elle não fez milagre com a peça de Frank Craven, mas deunos um Film razoavel e divertido.

O que falta ao Film, é mais romance. E' verdade que o papel de Charles Farrell não se prestava mais do que ao que fez, porque elle vivia uma personagem acanhada e medrosa, amorosamente falando. Mas apesar disso o Film tem seus bons momentos. O principio é excellente. Aquella vidinha de cidade de interior vem para os olhos da gente photographada com nitidez de uma recordação feliz do nosso passeio. Aquelle jogo de *bridge*. O abraço que Charles Farrell dá em Janet, depois do conselho de Dudley Digges. Aquella sequencia proxima ao portal florido. Tudo tem photogenia e uma sinceridade absoluta. Nesse ponto a direcção de Howard é um prodigio. Elle dirigiu CASAR E' ASSIM de pyjamas. Entendem-me? Confortavelmente, á vontade. E bem por isso o Film sahe do vulgar para ingressar para a camada dos bons.

Tanto Charels Farrell quanto Janet Gaynor na fórma do costume. Elle sympathico, agradavel e sincero e ella amorosa, delicada, estupenda! E o Cinema transbordando, como sempre acontece quando da exhibição de algum Film delles.

A TELA EM

Depois delles, Dudley Digges no melhor papel. Differente dos outros que já nos deu e impressionante pela sinceridade. Henry Kolker, Minna Gombell (aquelle jantar na casa de Charles Farrell e Janet Gaynor é uma cousa que o *fan* não esquecerá tão cedo!) Robert Mc Wade, Maude Eburne, George Meeker e Elda Vokel, figuram. Leila Bennett, na criadinha preta, estupenda. Mas ella não é preta, nota-se e isto tira um pouco do aspecto Cinematographico do seu optimo papel.

Vale a pena assistir. E' uma historia que se passa em aldeia, mas que tem merito. E pouco differem as cidades do interior americano das nossas. A Fox mesmo, já Filmou este assumpto com Kathryn Pery e Matt Moore, lembram-se.

Vejam. E' um esplendido passa-tempo e um bom Film.

Cotação: — BOM.

RECONQUISTADA (Transgression) — Film da RKO — Producção de 1932 — (Programma Matarazzo).

Reedição falada de DESHONRA HONESTA. Film que a Paramount fez ha annos com Dorothy Mackaill, Conway Tearle, Ricardo Cortez, Lon Chaney, Louise Dresser, Dorothy Cummings, Remed Radziha, Bertha Feducha e Bernard Seigle, nos papeis que Kay Francis, Paul Cavanagh, o mesmo Ricardo Cortez, John Sainpolis, Nance O'Neill, Doris Lloyd, Cissy Fitzgerald, Adrienne D' Ambricourt e Agostino Borgato têm nesta. Sam Wood dirigiu a versão silenciosa e esta dirigida foi por Herbert Brenon.

Na verdade, sendo sincero, as duas têm o mesmo merito. A primeira, a silenciosa, era um Film regular. Tinha seus momentos bons e ainda me lembro bem do desempenho de Lon Chaney, salientando-se num papel de plano secundario. John Sainpolis, neste, não consegue a mesma saliencia. Ricardo Cortez repete seu papel,

e com a differença de scenario e de epoca, neste está melhor e Kay Francis incontestavelmente superior a Dorothy Mackaill. Paul Cavanagh é igualmente melhor do que Conway Tearle. Mas os valores aqui são pessoas. O conjuncto não destaca ninguem e bem por isso as edições equivalem-se.

Para se ver Kay Francis, vale a pena. Ella é deliciosa, simplesmente. Que morena!

Herbert Brenon está ou em decadencia ou em phase de azar. Bom é que elle não anda. Mas se se lembram bem de Herbert, no seu passado, hão de por forças lembrarem-se dos máos Films que elle fazia nos intervallos de seus grandes trabalhos, principaes dos quaes BEAU GESTS e LAGRIMAS DE HOMEM.

Da historia de Kate Jordan com scenario de Elizabeth Meehan.

Cotação: — BOM.

O AMOR FEZ DELLE UM HOMEM (Carnival Boat) — Film da RKO-Pathé — Producção de 1932. — (Programma Paramount).

Uma historia como ha tempos nao via em Films e que, antigamente, todas as semanas tinhamos pelas télas: — lenhadores, embarque de lenhas, trens em disparada, pequenas apaixonadas, lutas e o final feliz. Uma especie de *western* differente, em summa. O VALE DOS GIGANTES, com Wallace Reid e, mais tarde, com Milton Sills, eram Films desse genero, lembram-se?

Neste, Bill Boyd é o rapaz no qual o pae, Hobart Bosworth, não vê as qualidades necessarias a um lenhador authentico, se bem que a pequena Ginger Rogers, pesasse um pouco nesse julgamento. Mas Bill Boyd é realmente forte, os queixos de Fred Kohler já andam callejados de tanta pancada e Hobart Bosworth já está até cançado de sorrir satisfeito ao presenciar o ultimo beijo dos mocinhos...

A historia é simples como a descripção acima. Albert Rogell, um director ainda mais simples do que a descripção, dirigiu com uma simplicidade quasi simploria.

REVISTA

Este Rogell é um rapaz bem intencionado que tem acertado algumas vezes. Mas soffre de um mal: — vulgaridade. O logar commum é exactamente aquelle que elle aprecia...

Bill Boyd, cada vez mais sympathico, agrada como sempre. Mas elle merecia cousas melhores. Ginger Rogers, engraçadinha e um dos sorrisos bonitos do Cinema. Marie Prevost, Ed Kennedy, Harry Sweet (lembram-se bem deste pandego?), Charles Sellon e Bob Perry figuram. Podem ver.

Argumento de Marion Jackson e Don Ryan. Scenario de James Seymour.

Cotação: — BOM.

DIFFAMADA (Unashamed) — Film da M.G.M. — Producção de 1932.

Quando a gente lê: — argumento de Bayard Veiller, já se sabe, tem tribunal. Elle, fracassou como director duas vezes, tanto no Cinema silencioso como no falado, dirigindo Bert Lytell ou dirigindo o seu "Processo de Mary Dugan". é um elemento para theatro e, ultimamente, vinha procedendo direitinho como scenarista. Mas DIFFAMADA não tem as qualidades que podia ter, muito embora tenha confecção caprichada e um elenco adequado. Justamente o seu trabalho de scenarista é que foi mediocre. Podia ter sido ainda mais humano na sua historia e mais verdadeiro. Mas não devia enveredar pelo vulgar como envereda da metade do Film para o fim. E com uma historia até certo ponto inedita, não consegue aquillo que podia ter conseguido: — um optimo Film.

Harry Beaumont, além disso, dirigiu sem grande inspiração. Poz mechanicamente os personagens a trabalhar e fez Norbert Brodine photographal-as em movimento, apenas... Espero que seus bons momentos voltem.

No elenco, Helen Twelvetrees tem actuação destacada. Supplanta, mesmo, a antipathia de Monroe Owsley. Elle é delicioso e merece os melhores papeis. Rober Young, que tem o papel de irmão seu, um typo esplendido que já apreciamos desde O PECCADO DE MADELON CLAUDET. Lewis Stone, quasi infallivel, nos Films da Metro, como o leão da marca..., Jean Hersholt, John Miljan, Robert Warwick (o Robert... lembram-se bem delle?), Wilfred North e Tommy Jackson figuram.

Póde ser visto, mas é um Film commum. Bayard Veiller escreveu a historia especialmente para Cinema.

Cotação: — BOM.

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Eric Pommer, conhecido director e supervisor allemão, é agora director de producção da Fox, ao lado de W. R. Sheehan, Sol Wurtzel e as recentes acquisições de col. Jason Joy, Julian Johnson, Jesse L. Lasky (ex-vice- presidente da Paramount) e Rufus Le Maire.

*

Lily Damita está em New York, trabalhando no "Music Hall Varieties", de George White.

*

O proximo Film de Joan Crawford será uma historia de William Faulkner. E quem vae dirigil-a não é Clarence Brown... E Howard Hawks!

*

"Bad Boy" de James Cagney para a Warner que tivera o titulo mudado a chamar-se "Hard to Handle"...

*

O primeiro Film da Mae West, para a Paramount, será "Honky-Tonk". Mae já trabalhou em Night after Night".

*

Ainda se lembram de Jack Hoxie...? Voltou com a Majestic. Como "cow-boy", é logico...

A Academia de Cinema, Artes e Sciencias, de Hollywood, que, annualmente, distribue premios aos melhores trabalhos Cinematographicos, já deu á publicidade a lista dos indicados para a votação final, que será realizada, durante o proximo mez de Novembro. Na noite de 15 de Novembro, num grande banquete a que comparecem artistas, directores e productores — os nomes dos vencedores são proclamados e a estes entregues as estatuetas em ouro — premios ao esforço, talento e arte de cada um.

São estes os indicados pelas varias commissões: *Artistas:* Marie Dressler pelo seu trabalho em *Emma;* Lyn Fontaine, idem em *The Guardsman;* Helen Hayes, idem em *O Peccado de Madelon Claudet.*

Actores: Wallace Beery em *O Campeão;* Alfred Lunt em *The Guardsman;* E Frederic March em *O Medico e o Monstro* (Dr. Jekyl e Mr. Hyde).

Directores: Frank Borzage, *Depois do Casamento,* (Bad Girl) King Vidor, *O Campeão;* Joseph Von Sternberg *O Expresso de Shanghai.*

Melhor Photographia; Ray June, *Medico e Amante,* (Arrowsmith); Karl Struss, *O Medico e o Monstro;* e Lee Garmes, *O Expresso de Shanghai.*

Melhor Direcção Artistica: Richad Day, *Medico e Amante;* Lazare Meerson, *A Nous La Liberté;* Gordon Wiles, *Transatlantico.*

Melhor Original Cinematographico: Frances Marion, *O Campeão;* Grover Jones e William Slavens Mc Nutt — *Lady and Gent;* Gene Fowler, Rowland Brown e Adela Rogers St. Johns — *What Price Hollywood.*

Melhor Adaptação Cinematographica: Sidney Howard, *Medico e Amante;* Edwin Burke, *Depois do Casamento* e Percy Heath e Samuel Hoffenstein — *Medico e o Monstro.*

Melhor Film: Medico e Amante Depois do Casamento, O Campeão, Grande Hotel, Five Star Final, Uma Hora Contigo, O Tenente Seductor e O Expresso de Shanghai.

Melhor som: Metro Goldwyn-Mayer, Paramount, R.K.O., Warner Brothers-First National.

Esta indicação foi feita attendendo á ordem alphabetica. A decisição final será dada ao publico, sómente, na noite da grande festa — o amaior acontecimento do anno, em Hollywood.

Assim, antes da victoria final, os leitores de "Cinearte" já podem ter uma idéa dos provaveis vencedores da ambicionada estatueta de ouro.

"Cinearte" dará, logo após ao banquete da Academia de Cinema, Artes e Sciencias, uma noticia detalhada com os nomes dos vencedores e photographias da sensacional festa.

Nota: Pela primeira vez, a Academia vota no nome de um Cinematographista estrangeiro, como é o caso de Lazare Meerson, um russo, que dirigiu a parte artistica de *A Nous la Liberté,* Film de René Clair.

Kay Francis e Ricardo Cortez em "Reconquistada"

(THUNDER BELOW)

FILM DA PARAMOUNT

Suzan .... *Tallulah Bankhead*

Walt .... *Charles Bickford*

Ken .... *Paul Lukas*

Horner .... *Eugene Pallette*

Davis .... *Ralph Forbes*

Webb .... *Leslie Fenton*

Scotty .... *James Finlayson*

Escrava da ...

EM busca de novas veias petroliferas, expedira a Continental Oil Company, uma turma de engenheiros para levantar mappas e explorar algumas concessões na parte central do Continente.

A expedição é chefiada pelo engenheiro Walt Briggs, que se faz acompanhar nessa viagem de penetração e riscos, da sua joven esposa Suzan, pela qual Walt ainda está verdadeiramente apaixonado, numa genuina "honeymoon"...

Localizado o acampamento num logarejo da costa, interna-se o engenheiro com seus homens pelo interior do paiz, na pista dos lençóes do precioso liquido (agora "casado" com a canna de assucar brasileira...) que a companhia suspeita existirem naquella região.

Suzan não póde acompanhar o marido na perigosa jornada das pesquizas e tem que ficar no acampamento, onde, entre a gente extranha das immediações, não convinha muita convivencia e passa o tempo entregue á leitura, diversão unica que lhe era accessivel naquellas paragens. E' verdade que tambem ficam no acampamento alguns auxiliares de Walt, mas são homens occupadissimos com os mappas e desenhos das pesquizas...

Emquanto isso o engenheiro ao chegar ao campo das explorações, sente qualquer cousa de anormal na visão, que principia a difficultar-lhe o trabalho de pesquizas. Walt, sentindo a vista turvar-se-lhe cada vez mais, toma a resolução de voltar para traz e sem nada dizer do que se estava passando com elle, na primeira agencia telegraphica manda chamar um especialista de molestias de olhos, para consultar.

E prosegue no regresso ao acampamento, aonde chega com grande surpresa e contentamento de Suzan, que longe estava de imaginar a infelicidade de que fôra victima o marido.

Com a chegada do medico, uma dolorosa revelação é feita ao engenheiro no laconismo das palavras do especialista:

— O sr. estará irremediavelmente cégo, em poucos dias!"

A certeza dessa tragica revelação abate profundamente a Walt. Elle debalde procura esconder da esposa a triste nova, mas acaba confiando-lhe aquelle segredo, que dias depois, fatalmente estaria descoberto.

Preoccupa-o sobre tudo a chefia dos trabalhos de exploração.

Se elle entregar o serviço, rescidindo o contracto, a companhia não lhe concederá a pensão a que tem direito os velhos engenheiros da casa. E' necessario, portanto, que elle continue ali, á testa do serviço, até que expire o termo do contracto...

Entre os empregados de Walt, Ken, um joven allemão, é o que mais confiança lhe merece. Suzan, como um passaro prisioneiro, a despeito do muito que amava o marido, resente-se da desgraça sobrevinda a Walt, ainda mais com a certeza de que terá que ficar ali naquelle "fim de mundo", por tempo quasi indefinido, uma vez que Walt não sahirá dalli senão depois de terminada toda a exploração.

Walt na sua infelicidade, advinha as tristezas de Suzan e procura na bondade de Ken, uma companhia para a sua mulher.

— "Por que não a levas a passear, Ken...?" — Ella gosta de cavalgar... Vae com Suzan, de manhã, até á praia... diverte-a um pouco..." — diz Walt ao empregado.

Ken, de facto, fizéra, ha tempos, alguns desses passeios, com Suzan. Um dia, entretanto, achou melhor deixar de fazel-os, porque sentira que se continuasse com mais frequencia aquella convivencia com a esposa do seu chefe, terminaria apaixonado pela moça...

Para fugir á esse perigo é que elle, de umas semanas para cá, evitava até approximar-se de Suzan. Mas, já que Walt lhe pedia isso e a situação agora era outra... na manhã seguinte elle convida-a para o passeio.

A manhã estava linda, o sol lá no alto, mais brilhante do que nunca parecia tornar aquelle dia mais bonito ainda... Deitados nas areias da praia, não tardou muito

para que a propria natureza se encarregasse de approximar aquellas duas creaturas, naquella approximação da qual Ken tanto receio tivera, nos dias passados...

A brisa das ondas, o perfume das flores sylvestres e a melancolia do mar... faziam com que os labios da moça e os de Ken, se desejassem como nunca até então...

O primeiro beijo!

O segundo...

Carinhos amorosos immensos! e... mais beijos...

— "Que culpa temos nós, de nos amarmos, Ken...?"

Suzan, impetuosa como era, quer que ambos sejam honestos em tudo e, de chegada á casa, elles contem toda a verdade daquelle amor, ao seu infeliz marido. E depois, fugindo daquelle inferno, vão para um logar melhor, onde possam viver felizes, onde ella possa recuperar aquella felicidade que lhe fugira das mãos, tão laconicamente...

Mas o rapaz é mais sensato. Elle faz vêr á moça, a tortura que isso iria causar ao pobre cégo. E, além disso, Ken seria um traidor da confiança com que sempre Walt o distinguira... Não! Elle não faria isso.

— "Esperemos um pouco, querida... Dir-lhe-emos, mais tarde..."

Suzan tentára por todos os modos vencer a resistencia de Ken, sem conseguir demovel-o dos seus propositos nobres para com o homem que, agora na sua infelicidade, maiores provas de confiança ainda lhe dava...

Mas ella não era dessas creaturas que se dão por vencidas quando desejam qualquer cousa e não conseguem fazer valer a vontade propria...

Para bulir com o namorado, Suzan procura Davis, um rapaz empregado de outra companhia petrolifera, cuja idoneidade ninguem sabe qual seja... O rapaz fascinado pela belleza da moça e destemeroso do que possa acontecer, affronta a colera de Walt, que da sua escuridão visual, percebe nitidamente o que se está passando em torno da sua mulher...

Não tendo conseguido escravisar Ken á sua vontade, eil-a, agora formando uma fuga com Davis, só para roer Ken de ciumes...

O vapor que os conduzirá, está no porto, á espera da maré... Ken, que de tudo sabe, busca entretanto tranquilizar Walt, tentando convencel-o de que nada de mais está occorrendo com Suzan, e ao mesmo tempo, num ultimo gesto de magnanimidade, corre á praia, para impedir a fuga.

PAIXÃO

O navio já partira...

Mas Suzan não embarcára... Ella só fizera aquillo para attrahir o namorado, pois que o seu amor só pertencia a Ken. Ella o ama perdidamente... confessa-lhe isto!

Ken quasi que concorda na fuga que ella tanto lhe supplicava, mas lembra-se do patrão que deixára na cabana, tão afflicto... tão preoccupado...

Ella se recusa a voltar com o rapaz para a casa do marido, dizendo que elle vá na frente... ella irá depois... promette-lhe!!

E ao vêr-se só, traça ás pressas, um bilhete, no qual pede a Ken, perdão de tudo...

Um bando de gaivotas, unicas testemunhas daquella tragedia, é que lançam no ar, os seus pipios de alarma...

— "Quem teria assustado essas gaivotas...?" — pergunta o engenheiro a Ken, ouvindo o afflicto gritar das aves marinhas...

Mack Sennett contractou Lloyd Hamilton para as suas comedias. Lloyd é um comico conhecido de vocês. O primeiro Film será "False Impressões", com Marjorie Beebe (lembram-se della?), dirigido por Leslie Pearce.

George Brent substituiu William Powell como "leading-man" de Kay Francis em "The Keyhole", da Warner. Alfred E. Green é o director.

Robert Montgomery, Walter Huston, Jimmy Durante e Robert Young figuram em "Pingboats", da Metro.

Stuart Irwin, aquelle maniaco gozadissimo de "Lição de barbaro", figura em "The Face in the Sky", de Charles Farrell e Marian Nixon, para a Fox.

A Nova Clara Bow

Ha nove annos passados, uma pequena de cabellos de fogo, nascida em Brooklyn. e vencedora de um concurso de belleza, appareceu em Hollywood, sem classificação alguma no que se refere a personalidade, porém, possuindo uma elevada dose daquella materia incomprehensivel que mais tarde Elinor Glyn veiu a denominar de "it." Essa materia exquisita serviu a Clara Bow para ser lançada á fama, e tão alta que mais tarde cahiu desastrosamente, deixando-a pesarosa.

A jornalista que escreve este artigo, entrevistou-a na primeira semana de sua chegada á Hollywood; emquanto Clara Bow era novinha na terra, muito timida, e principalmente muito inexperiente com tendencias acentuadas a "flapper." "Lembro-me (diz a jornalista em questão) de tel-a avisado para jamais tomar attitudes de senhora, e que sua apparente vulgaridade dava-lhe encanto."

Hoje Clara Bow volta ao Cinema, como uma senhora dessas circumspectas... Sua metamorphose é interessante e enorme...

Emfim, em que consiste ser uma senhora digna? Boas maneiras, pronuncia correcta, voz melodiosa, intelligencia, consideração pelos outros, disciplina e bom paladar? Neste caso, a nova Clara Bow que surge pode ser comparada favoravelmente com qualquer senhora de respeito que se conheça. E Clara o conseguiu sózinha, sem o auxilio de qualquer tutora considerada bem educada...

Hoje em dia Clara Bow respira a pose e autoridade. Quando ella deixou a Paramount, ha dezoito mezes, estava absolutamente despresada, profissional, social e romanticamente falando. Tanto os seus negocios publicos como particulares estavam numa mistura incomprehensivel, e não é para admirar que Clara tivesse aquelle tremendo colapso de nervos.

Vence o forte, diz o adagio popular. Clara com o resto das forças que ficaram, atravez de uma reputação que causava piedade, procurou avançar. Ainda assim, e a despeito de tudo, ella conseguiu guardar parte de sua fortuna, para que as attribulações financeiras não fossem addicionadas ás outras. Lutando, lutando sempre, procurou no ar livre do campo, recuperando sua saude e concentrando sua natureza romantica num unico homem, um homem justamente do seu nivel de educação, e continuou a avançar na sua profissão na forma mais digna possivel.

Estando bôa e prompta para entrar em acção, Clara começou a estudar historias e mais historias. Nada de "it stuff"! Ella acreditava-se possivel para papeis dramaticos, dahi a razão de sua escolha para "Call Her Savage", original de Tiffany Thayer como excellente vehiculo para a sua volta de um modo auspicioso. Quando ella assignou o contracto com a Fox, reservou-se no direito de exercer sobre si, e no que se referia ao Film, toda a autoridade possivel. Recusou que lhe pedissem pressa. A historia teve que ser preparada diversas vezes até que lhe satisfizesse em todos os pontos de vista. Depois então, ella escolheu o seu elenco. Uma Ruth Chatterton ou uma Ann Harding, não podia exercer mais autoridade e julgamento nessas circumstancias.

Já ha algumas semanas que a producção de seu Film está em andamento. Muitas são as scenas em que Clara mostra-se verdadeiramente artista. Humana. Numa unica scena ella mostra-se simultaneamente alegre, sem vergonha, quasi hysterica, e chora tragicamente. Os primeiros "rushes" ganharam a admiração de todos os que os viram.

Não! Clara Bow não está gorda. E' justamente nisso que entra o seu natural e proprio regime. Na verdade, Clara engordou vinte libras quando estava no rancho em Nevada.

Mas, essas vinte libras já desappareceram, simplesmente pelo methodo de abstinencia. Ghandi não lhe leva vantagens, quando passa fome por uma causa nobre. Ella pesa actualmente 117 libras, ou sejam 53 kilos em "nossa moeda"... E mais, cada libra de sua carne, está em seu justo logar... Clara ainda possue aquellas curvas perigosas, e lindas... Numa das scenas de seu Film, ella apparece em "combinação", e ali está a prova para quem quizer vêr...

No "set" da Fox, o procedimento de Clara Bow não podia ser melhor, polido e sobretudo autoritario. Seu cabello é vermelho outra vez, depois daquella experiencia em querer ser loura. Usa-o maravilhosamente a "la garçonne" que bem poderia dizer, supera o de Greta Garbo adoptado pelo publico feminino. Sua pelle está clara, e as linhas de sua bocca ainda são as mesmas. Mas, os olhos dessa nova Clara, prendem a attenção — graves, quasi espirituaes, lindos, tomaram o logar daquelles olhos irriquietos, cheios de fogo, de annos atraz. E esses olhos tão lindos e differentes de hoje, impõem respeito.

Clara Bow conta actualmente 26 annos.

Referindo-se a seu marido, diz Clara Bow "Sim! Sou muito feliz com Rex. Interessante. Eu não gostava delle, e o julgava mudo e um pouco estupido. Porém, tudo isso era modestia. Elle realmente é um bellissimo rapaz. Actualmente faz seus proprios Films, pois não seria justo que o fizesse commigo."

Apesar de todos seus desgostos, doenças e a luta que Clara Bow teve que sustentar para limpar o seu nome, e conseguir elleval-o onde elle devia ficar, Clara jamais esqueceu os seus parentes e as obrigações que assumiu para com elles. Jamais deixou de sustental-os. A seu pae ella tem auxiliado em diversas empresas que sómente prejuizo lhe têm trazido, inclusive um casamento. "A proposito" diz Clara "elle está amando outra vez... penso que tenho que deixar que se case. Elle parece-me tão feliz. E será melhor que se case do que tentar qualquer outro negocio"...

Além do pae, Clara tem uma tia aleijada, e um tio que recentemente perdeu um braço num accidente.

Passando ao lado sentimental da vida de Clara Bow, vamos encontrar Rex Bell em seu coração, occupando o logar numero onze. Ella insiste em affirmar que Rex é o melhor delles e será o ultimo. Essa historia amorosa de Clara Bow todos sabem. Nós sabemos que seu primeiro amor em Hollywood foi Donald Keith, com quem se falou sobre seu noivado em 1929. Depois surgiu Louis Alonso, que mais tarde veiu a ser Gilbert Roland o galã querido de muitos Films de Norma Talmadge, e por uma coincidencia, Gilbert é o heroe que consegue o amor da pequena no Film "Call Her Savage." Diz Clara que seu pae foi o responsavel pelo rompimento com Gilbert. Victor Fleming teve a sua parte forte no coração da pequena do "it."

E elles vão subindo em numero. No Studio da Paramount fizeram ponto final em seu romance com Gary Cooper, porque, julgavam os chefes, o casamento iria atrapalhar a carreira de ambos. Sahindo de seu circulo, surgiu o romance com Bob Savage, e aquelle final desastroso para ella. Até hoje Clara affirma que jamais sentiu qualquer cousa por elle, que vivia constantemente a perseguil-a, até que não conseguindo cousa alguma, fez aquella estupida tentativa de suicidio para angariar sympathia.

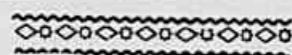
Dois outros foram Morley Drury e Bela Lugosi, porém cousa ligeira que não deu tempo para as linguas trabalharem, assim como o director technico John Renehardt.

Seus dois mais serios casos amorosos vieram quasi que ao mesmo tempo. Emquanto Harry Richman, que á procura de publicidade reclamava direitos sobre o coração de Clara, nesse meio tempo ella morria de amores pelo Dr. William L. Pearson, de Kansas City. Para Rex Bell foi bom negocio que este ultimo fosse um cavalheiro casado, portanto, riscado como um pretendente a mão de nossa heroina naquelle tempo.

Tanto Harry como o doutor eram tambem trumphos no coração de Clara, e ella não sabia por quem se decidir. A sua falta de decisão era devido a Harry ser algo irritante, e que vivia a criticar-lhe, tentando modificar-lhe o temperamento alegre que dominava seu espirito, e o doutor Pearson, que embora sendo critico de suas attitudes, era muito mais "gentleman" que o outro...

Em todos os seus amores, ha quem acredite que o Dr. William L. Pearson deixou um vinco bem profundo em seu coração, occasionando alguns suspiros... No emtanto, o homem por qeum Clara teve verdadeira admiração, já está morto! Foi Rudolph Valentino, o unico que não lhe deu confiança. Ainda hoje Clara guarda o retrato autographado que Valentino deu-lhe num momento qualquer...

A mulher com quem Rex Bell se casou é outra Clara Bow. Não é a mesma... Se fosse, os papeis de divorcio já estariam em circulação... A nova Clara Bow, comtudo, é um serio problema para elle, porque se ella continúa a desenvolver-se mentalmente, na maneira que segue, Rex precisa fazer o mesmo para que não surja a separação, motivada pela desigualdade de temperamentos...

Esta é a nova Clara Bow.

CLAUDIE DOMPTEUSE (S. E. L. F.) — Direcção artistica de Marco de Gastine.—Interpretação de Claudie Cleves, Louis Allibert, Paulais e Jouviano.

Film de primeira parte, com detalhes divertidos, porém, sem "scenario". Agradará talvez devido a certas sequencias interessantes das festas e a interpretação Claudie Cleves

A photographia é muito boa e o som é puro e perfeito. Louis Allibert soube tirar partido nas scenas amorosas. Paulais desempenha a parte comica.

Não, entretanto, muito o que commentar sobre este trabalho de Gastyne.

ELLA, para o mundo, é o symbolo da seducção. Mas tem os pés frios. Gosta de assobiar. Não usa, quando longe do Studio, pó de arroz nem "rouge". Tem um nariz de ponta sardenta e só anda em carros baratos de segunda mão...

Come biscoitos na cama. Gosta de espantar sapos perto de lagoas. Quando chegou a Hollywood, usava roupas brancas de algodão e saia de xadrezinho. Chapéos, incriveis! Ria alto e grosso. Hoje, no emtanto, é o expoente maximo do exotismo...

Corre a lenda de que ella é uma mulher fria e sestrosa. Um genio desdenhoso que se ri da trivialidade da vida. E que poucos são os previlegiados que gozam a ventura de frequentarem sua casa e partilharem dos salgados arenques de sua mesa.

Centenas de lentes vivem em fóco, incognitas, para apanhal-a quando "incognita" sahe de casa para caminhar pela chuva ou galgar ingremes montanhas. E duzias de subterfugios têm sido experimentados para photographarem-na quando, núa, toma seus banhos de sol.

Mergulha em sua piscina particular esquecida até de uma pequenina folha de parreira, porque diz que não tem tempo nem para melindres...

Seus cilios são authenticos. Suas sobrancelhas, no emtanto, raspadas e desenhadas depois. Adora creanças. Diz que um dia ainda terá seis... e suas! Homem algum, no emtanto, já mereceu della um só pensamento matrimonial se bem que varios tentassem.

Costuma ler o mais singelo commentario sobre ella escripto e tem um album que contém copias de todos seus "stills" até hoje tirados. Nos dias do seu passado era capaz de se emocionar mortalmente se alguem a abordasse para lhe pedir um autographo. Escreveu ainda nesse tempo, para animar sua propaganda, declarações de proprio punho emocionadissimas! Quando Clark Gable, no emtanto, mandou-lhe recentemente tres "sweaters" "Pescoço de Perú", das quaes foi elle creador, em troca apenas pedindo uma photographia com dedicatoria, devolveu ella o presente e respondeu que não acceitava cousa alguma que trouxesse siquer o vislumbre de uma algema obrigatoria...

Suas roupas são todas masculinisadas. Usa calções, costumes feitos em alfaiates e pyjamas de modelos masculinos.

Adora carne sangrenta e cebollas; anchovas e sorvetes em casquinhas. Ha quatro annos que guia o mesmo carro e gasta com a manutenção de sua casa apenas 150 "dollars" mensaes. Logo após o recebimento de seu salario, tira o excesso e põe-no a render no mesmo instante num Banco qualquer.

Tem apenas 26 annos de idade. Tambem tem uma divina indifferença pelo mundo. Suas opiniões são todas philosophicas.

Eis Greta Garbo, o enigma Sueco!

NA LINHA

Film da RADIO, com Betty Compson, Ralph Forbes, Montagu Love, Mischa Auer, Ivan Simpson, Betty Carter, Evan Thomas, Reginald Sharland e William von Brinken.

Direcção de ROY J. POMEROY

A CATASTROPHE de 1914 vae separar um casalzinho de noivos, occasionando a scena da despedida até "não sabendo quando...", sempre triste e amarga para dois corações que se amam...

Elles são Jane Gershon e Eric Voodhouse, que se encontram naquella época na capital do Imperio Allemão.

Desencadea-se a guerra e tempos depois vamos encontral-os reunidos novamente, desta vez porém como prisioneiros numa fortaleza de Gibaltar.

Tinham sido capturados por suspeição de espionagem.

Nessa prisão a moça havia dado um nome supposto e como não houvessem sido colhidas provas irrefutaveis de que ella exercia a missão de secreta, gozava de relativa liberdade naquella praça de guerra, posto que energicamente vigiada em todos os seus movimentos. Da mesma forma, Eric, que entretanto não tinha muita liberdade para falar com a noiva, a não ser em determinadas horas do dia e tambem sob vigia...

O tempo vae passando e ninguem ali acredita em que o casal fosse realmente dois espiões, apezar delles o serem na verdade...

Ao mesmo tempo a pequena consegue ser identificada como a filha de um alto official inglez... e desse momento em deante, fica livre da relativa incommunicabilidade em que vivia de Eric e tambem não é mais objecto de uma constante vigilancia do commandante do forte.

Era a occasião opportuna de Jane entrar em actividade, desempenhando a missão que a fizéra approximar-se com o noivo daquella bateria ingleza, para serem presos... e uma vez no interior da fortaleza espionarem os planos e os movimentos da esquadra de Jorge V, que guarnecia aquella base naval..

Essa base estava toda minada, para impedir a entrada dos submarinos allemães e as minas ligadas a forteleza por uma chave electrica, manejada pelas guardas avançadas do forte.

Na base estão ancorados varios destroyers inglezes.

Os espiões tinham a missão de destruirem esses vorazes inimigos dos submarinos de Von Tirptz...

E Jane estuda um momento opportuno que lhe permitta aproximar-se da chave controle das minas.

Eric para desviar as suspeitas, apparenta não interessa se mais pela noiva e evita falar-lhe quando ella o procura. Isso é observado pelos officiaes inglezes que de uma vez p

NA LINHA

Film da RADIO, com Betty Compson, Ralph Forbes, Montagu Love, Mischa Auer, Ivan Simpson, Betty Carter, Evan Thomas, Reginald Sharland e William von Brinken.

Direcção de ROY J. POMEROY

A CATASTROPHE de 1914 vae separar um casalzinho de noivos, occasionando a scena da despedida até "não sabendo quando...", sempre triste e amarga para dois corações que se amam...

Elles são Jane Gershon e Eric Voodhouse, que se encontram naquella época na capital do Imperio Allemão.

Desencadea-se a guerra e tempos depois vamos encontral-os reunidos novamente, desta vez porém como prisioneiros numa fortaleza de Gibaltar.

Tinham sido capturados por suspeição de espionagem.

Nessa prisão a moça havia dado um nome supposto e como não houvessem sido colhidas provas irrefutaveis de que ella exercia a missão de secreta, gozava de relativa liberdade naquella praça de guerra, posto que energicamente vigiada em todos os seus movimentos. Da mesma forma, Eric, que entretanto não tinha muita liberdade para falar com a noiva, a não ser em determinadas horas do dia e tambem sob vigia...

O tempo vae passando e ninguem ali acredita em que o casal fosse realmente dois espiões, apezar delles o serem na verdade...

Ao mesmo tempo a pequena consegue ser identificada como a filha de um alto official inglez... e desse momento em deante, fica livre da relativa incommunicabilidade em que vivia de Eric e tambem não é mais objecto de uma constante vigilancia do commandante do forte.

Era a occasião opportuna de Jane entrar em actividade, desempenhando a missão que a fizéra approximar-se com o noivo daquella bateria ingleza, para serem presos... e uma vez no interior da fortaleza espionarem os planos e os movimentos da esquadra de Jorge V, que guarnecia aquella base naval..

Essa base estava toda minada, para impedir a entrada dos submarinos allemães e as minas ligadas a forteleza por uma chave electrica, manejada pelas guardas avançadas do forte.

Na base estão ancorados varios destroyers inglezes.

Os espiões tinham a missão de destuirem esses vorazes inimigos dos submarinos de Von Tirptz...

E Jane estuda um momento opportuno que lhe permitta aproximar-se da chave controle das minas.

Eric para desviar as suspeitas, apparenta não interessar-se mais pela noiva e evita falar-lhe quando ella o procura... Isso é observado pelos officiaes inglezes que de uma vez por

NADA CONTRA
ELLA...
SCENAS DO FILM NIGHT AFTER
NIGHT DA PARAMOUNT.
WYNNE
GIBSON
E
CARY
GRANT

Karen

Karen Morley chama-se, na vida real, Mildred Linton. Nasceu a 12 de Dezembro de 1910, na cidade de Ottumwa, no Estado de Iowa. Ella, hoje, pouco se importa que saibam disto ou não. Eis porque estamos contando... Aliás, na vida, ella é sempre assim: — não liga. Vive não ligando. E' do typo dessas que andam de nariz arrebitadinho e... não ligando. Absolutamente não ligando.

Sua pose já faz parte da historia de Hollywood. Ha, como todos os caracteristicos, uma razão para ella existir: — Karen não se impressiona com cousa alguma que aconteça ou possa acontecer á industria do Film e o que a circumde. Ella tem a sua entrada para o Cinema como "méro accidente" e não liga absolutamente a nada disso que anda tão reclameado por outras: — o posto de "extra" vencido com todo sacrificio e o de "estrella" attingido com ainda maiores. Tudo isso para ella é "nonsense"!

E' bem por isso que, hoje, Karen não leva absolutamente a sério a sua presente invejavel situação, na industria. Para ella, sinceramente, Hollywood é uma cesta cheia de mysterios insondaveis e que não quer ter o trabalho de sondar. Hollywood espantou-se quanto viu essa indifferença, diante da humildade de todas as outras, quasi em regra. E indifferença, pose e attitude são cousas ás quaes Hollywood não resiste, particularmente quando a pessoa que tenha essas qualidades tambem as tenha physicas, como Karen tem de sobra.

—oOo—

No collegio, como hoje em Hollywood, Mildred — Karen nem existia! — era uma pequena pouquissimo popular. E' preciso notar que ella passava por um torpor insupportavel naquelle insipido collegio. Não tinha dinheiro para o conforto que almejava e nem para comprar os vestidos que quizesse. Como novata, caloura que era, não podia nem siquer pensar em attingir num pulo os cursos especializados interessantes que eram sua attracção mas que ella apenas poderia attingir muito mais tarde. Tinha que levar quatro annos para chegar aos mesmos e ella só aturou dois de collegio. Além disso ella achava que os collegas e demais homens da communidade eram uns brutalhões e com isso ainda mais augmentava a sua impopularidade, porque jamais soube esconder uma franqueza.

Todos os habitos, nesse collegio, foram por ella quebrados. Tornava-se, portanto, dia a dia, mais impopular. Mas apesar disso jamais perdeu a sua attitude sempre superior e seus modos invulgares. Sua pose e seu modo jamais se modificaram diante de situação alguma.

— Faz-me mal o modo de certas pessoas pensarem. Ellas acham, invariavelmente, que uma apparencia exterior calma é traducção inevitavel de camada superficial de um complexo inferior. Jamais temi ao publico e nunca me lembro de ter uma só vez ficado acanhada diante delle. E' logico que não gosto de ser mortificada. Ninguem gosta. Mas diante do publico eu jamais me curvo, porque elle nada differe de mim, que tambem sou parte integrante da massa e publico tambem, portanto.

Diz ella, firme, convicta de que sabe nitidamente o que está dizendo. No dia em que ella scismou que não estava sendo intelligente ao continuar a vida toda marcando passos como collegial, ou quando menos perdendo a melhor porção dessa vida dentro dos muros de um collegio, resolveu deixal-o pelo theatro e dirigiu-se logo com a mais absoluta firmeza ao seu novo ponto de apoio e seu novo *goal*, portanto.

Procurou ella a Gilmour Brown e convenceu-o de que ella era uma pessoa necessaria á sua organização theatral. Hontem, como hoje, Karen tinha corpo delgado. Não ligou ella grande importancia ao seu novo officio, porque a maior parte do seu trabalho, em Pasadena, consistia em actividades atraz das scenas. Em materia de alimentação ella sempre foi uma descuidada e jamais glutona. Contenta-se com quasi nada e no emtanto come, porque sabe que é preciso ser cheia de corpo e não esqueletica. Além disso precisa ter fórmas onde um olhar faça curvas e não ser dona de um corpo sobre o qual um olhar apenas deslise em linhas rectas...

Mas o caso é que magra ou não, nessa sua primeira experiencia theatral, as actividades de Karen consistiam em coser vestidos para as demais usarem-nos durante as scenas. Depois, sempre com os mesmos modos, foi ella feita artista e um dia appareceu em Los Angeles com o Theatro de Repertorio Civico, vivendo, ao lado de Elsie Ferguson e Tom Douglas, a peça *Fata Morgana*.

Aconteceu com ella a cousa commum de todos os dias. Um agente viu-a, faloulhe de suas possibilidades em Cinema e animou-a a tental-o. Apesar de ter cursado a Escola Superior de Hollywood, quando residira em Los Angeles, jamais pensára que iria terminar defronte a Clarence Brown, durante a confecção de *Inspiração*, lendo os dialogos de Greta Garbo e representando por ella nos ensaios, pois, como todo mundo já sabe, Greta Garbo não ensaia.

— Eu ha algum tempo interessava-me por Cinema. Não para ser artista. Tive certa aptidão para escrever, e, dessa fórma, imaginei seriamente ser escriptora de dialogos para Films. Quiz começar pelo departamento de historias e sinceramente não pensei em ser artista. Um dia, no emtanto, a M.G.M., chamou-me. Não sabia o que fosse e pensei que a sorte viesse ao meu encontro satisfazendo meus ideaes de escriptora que eu ainda hei de ser um dia. Disseram-me, lá, que eu seria capaz de substituir uma determinada creatura, do *lot* e que apesar de eu não ser nenhuma Greta Garbo, certamente podia tentar, porque tinha qualidades que as *cameras* approvaram nos *test* que tinham sido tirados.

E ella approvou, realmente. Tão agradavel foi seu modo de recitar dialogos e tão efficiente o seu *test* de voz que Clarence Brown deu-lhe o papel de *Liane* a suicida, em *Inspiração*. Ella tinha já tomado parte em SCARFACE-A VERGONHA DE UMA NAÇÃO. O Film, no emtanto, conservava-se ineditado e, portanto, só mais tarde é que seria visto esse notavel trabalho seu.

E figurou ella, assim, em MADAME PREFEITO, O PECCADO DE MADELON CLAUDET, CANÇÃO DE AMOR CUBANO, MATA HARI, ARSENE LUPIN, TROCANDO DE ESPOSA e recentemente WASHINGTON MASQUERADE. Para a Fox, MAN ABOUT TOWN e para a RKO, THE PHANTOM OF CRESTWOOD. E, parece, não lhe dão mais uma folga nem siquer para umas férias, tanto melhora ella de dia para dia.

— Não posso me queixar, sinceramente. As cousas correm perfeitamente bem, por emquanto. Estou gostando do meu trabalho e nada tenho que dizer delle. Pouco me importo com minha presença em Films ou não, porque não tenho essa vaidade. Mas já que os *fans* gostam de minhas caretas, que as tenham, porque o que é de gosto regala a vida. Irei avante até enjoar. Quando enjoar, desisto e vou talvez para o theatro. E' possivel que custe a enjoar. Mas quando chegar esse momento... adeus, Cinema!

Karen Morley tem vinte e um annos.

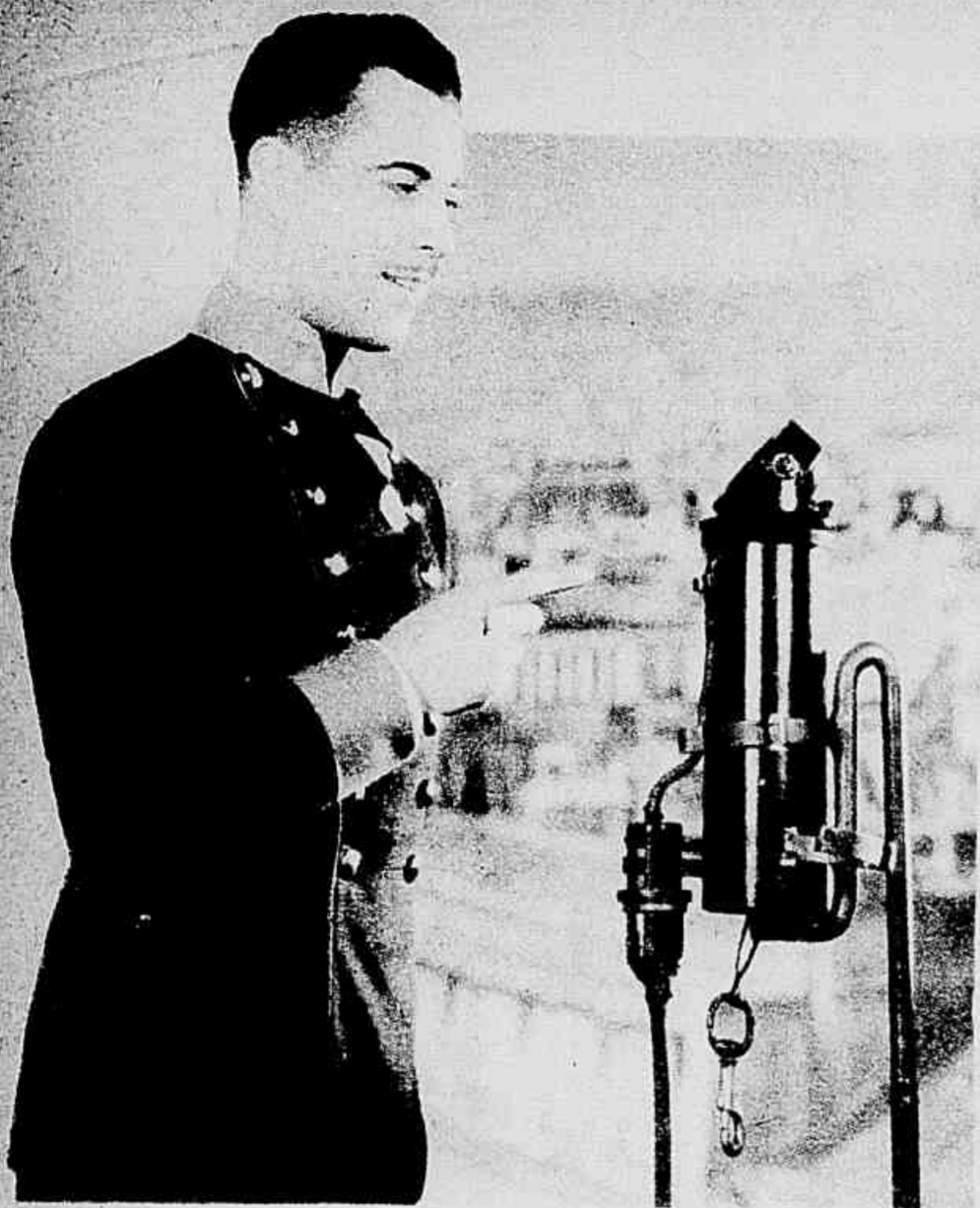
— Sei perfeitamente que apparento muito mais. Pouco se me dá que pensem isso. Acho que mudo muito pouco, no emtanto, e que a Mildred de hontem pouco differe da Karen de hoje...

(Termina no fim do numero).

MORLEY E' assim?

Arletta
Duncan

PRECIOSOS INSTANTANEOS DE JEANETTE MAC DONALD. PRECIOSOS POR AQUI EM NENHUM (SÃO INSTANTANEOS REPETIMOS) ELLA ESTÁ NA CAMA A CANTAR.

RAMON ESTÁ CANÇADO?

Ha quatorze annos passados, quando Ramon era um rapaz de dezenove, embarcou de Durango, no Mexico, para os Estados Unidos afim de alcançar successo em qualquer cousa, talvez como artista. Sua bagagem de conhecimentos technicos ou intellectuaes, fóra saude e mocidade, praticamente não existia. Não tinha especialidade alguma. Nem propensão declarada por isto ou aquillo. Muito menos profissão. Falava um inglez quebrado. Não tinha amigos na America do Norte. Nem o principal, o verdadeiro "esperanto" do mundo: — dinheiro. E era mexicano, uma raça naquella epoca os *yankees* hostilizavam com desconfiança. Os dois paizes, como se sabe, tinham-se guerreado.

Além desta situação desfavoravel, Ramon não recebeu encorajamento algum de seus parente e amigos. Sua gente era francamente sceptica e os americanos com os quaes teve o primeiro contacto depois de cruzar fronteiras, não viram nelle absolutamente nada de aproveitavel.

Felizmente Ramon sempre costumou dar de hombros á opposição e ao desencorajamento. Diga-lhe que não é elle capaz de fazer isto ou aquillo e logo o verá gostosamente provar que é erro seu pensar assim. Sua resolução fixa compara-se apenas á confiança que elle tem em si proprio. E elle crê piamente que tem Deus a seu lado em todas as circumstancias, o que sem duvida de muito lhe vale.

— Se outros artistas ganham 100 "dollars" semanaes...

Disse elle, depois de escolher a carreira a abraçar.

— ... EU ganharei 100 "dollars" semanaes!

Nessa epoca, no emtanto, percebia elle apenas 100 "centavos" por semana e foi então que arranjou emprego. Mais tarde ingressou eventualmente para o corpo de bailados de Marion Morgan e com isso passou tambem a se alimentar um pouco melhor. Entre temporadas elle não hesitava em acceitar trabalho menos artistico, principalmente por elle ser já de si uma cousa rara: — um artista pratico. Mas elle disse que venceria e quanto a tal lemma jamais seus esforços enfraqueceram ou sua resolução succumbiu.

Voltando de New York para Los Angeles, desligou-se da *troupe* e resolveu tornar-se "astro" de Films e ganhando mil "dollars" todo sabbado... Um collega estrangeiro como elle, acabava de subitamente se transformar num idolo: — Valentino! Novarro não invejou e nem imitou. Começou a trabalhar, lutar e orar.

Sabendo que Rex Ingram, o homem que elevára o grande Valentino á fama e á fortuna estava á procura de um artista para o papel de Rupert de Hentzau, em *O Prisioneiro de Zenda*, Ramon, apoiado ao vigor do seu primeiro Film feito para uma Companhia independente *Juramento de Amante*, conseguiu carta de apresentação e apresentou-se mesmo, o mais rapido possivel, como candidato ao papel.

Ingram viu diante de si um joven magro, vinte e dois annos presumiveis. Perfil perfeito. Olhos negros e brilhantes. Cabellos chocantemente pretos, ondulados e profusos. O director sacudiu a cabeça.

— Sinto, mas você é exactamente o typo opposto ao que eu quero. Rupert deve ser alto, loiro e arrogante. E é mais velho do que você...

Ingram é antes de mais nada preciso. Novarro deu-se momentaneamente por vencido. Pediu apenas um *test* para o papel. Ingram acabou marcando o dia seguinte, não sem advertir, no entanto, que tanta opportunidade tinha elle de conseguir o papel, quanto Bull Montana de vencer um concurso de belleza...

Novarro pediu detalhes do caracter e da apparencia de Rupert. Tirando do bolso a propria carta de apresentação, desenhou Rex rapidamente no verso da mesma um ligeiro typo do que elle pensava para o papel e deu-o a Ramon.

Ramon levou-o para casa e estudou-o. Depois deu um pulo á casa Western, de artigos theatraes. No dia seguinte apparecia elle a Ingram, já dentro do caracter e do papel cobiçado. Ingram, apanhado de surpresa diante de tamanha boa vontade e ingenuidade, apenas accrescentou um monoculo ao conjuncto, peça essa que difficilmente se equilibrou sobre a face moça do rapaz.

— Eu sei que posso interpretar esse papel. Deus está commigo!

Disse-lhe Ramon depois do *test*. Ingram deu-se por vencido e principalmente quando assistiu o *test*. Tão perfeito era o mexicano no papel de Rupert, que não só ganhou-o, como, tambem, um contracto e em breve o nome de mais um authentico "astro" galgava as fachadas luminosas dos Cinemas.

Ramon fez alguns dos seus melhores Films com Rex Ingram. Com tudo a ganhar e nada a perder, seguiu, vencendo, em "O Arabe Aristocrata", "Scaramouche", com ardor e animo. "Apsará" foi um poema. "Fogo, Cinzas, Nada...", já sob a direcção de Fred Niblo, outro primor que ainda mais evidenciou sua perfeição e habilidade artisticas. Era, no emtanto, joven demais, ainda e, portanto, apparentava bem pouca possibilidade de ser rival do mais maduro e mais viril Valentino. Mas tambem foi fazendo centenas de *fans* e *fans* que tem sido fieis em seus affectos por elle. E cujo numero foi augmentando consideravelmente, tambem.

Nessa epoca, o paiz todo andava "Valentino-maniaco". Os galãs que então apparecessem, principalmente os de typo latino, eram automaticamente tomados por méros imitadores. Até hoje lembram se muitos delles e alguns com amargura dessa epidemia de *sheik*. Ao lado de Rudolph, o rei, um italiano, estavam Ramon Novarro, mexicano; Ricardo Cortez, judeu; Paul Ellis, argentino; Raymond Keene, americano; Gilbert Roland, tambem mexicano; Charles de Roche, francez e ainda alguns outros que aos poucos foram cahindo de novo no esquecimento.

Da "tribu" toda, no emtanto, Ramon salientou-se facilmente. Seu talento ganhava dia a dia em cultura, desenvolvendo-se, e sob aspectos multifórmes. Valentino, famoso em vida e immortal depois de morto, foi homem que publicidade mais intensa e expontanea teve, no mundo todo, mesmo depois de fallecido. Ricardo Cortez, depoiz de minguar e sumir, aos poucos, volta presentemente com a força de um raio e a vehemencia de um tufão, inexplicavelmente. Paul Ellis voltou-se para a literatura. Raymond Keene empregou-se como caixeiro de uma casa de calçados. Gilbert Roland ficou, até hoje, na mesma: — apparições esporadicas na téla. Charles de Roche está dirigindo Films, em França.

Novarro, nessa epoca, foi classificado como "mais um" *sheik*. Apenas "um mais" de certa finura e algum *charme* acima dos outros. Um rapaz esperto, que mais tarde, aliás, tornou-se um dos mais habeis publicistas de Ramon, escreveu delle, biliosamente, a seguinte phrase ironica: — "Elle nos aquece tanto quanto uma lareira apagada. E nossos cachimbos tem estado gelados durante todo o inverno, senhor Adonis de Durango!".

Mas Ramon tinha fé em si mesmo, com calor, com lareira e cachimbo ou sem nada disso mesmo. Criticas e obstaculos que talvez nos desanimasse, para elle faziam o effeito de uma espetada de alfinete: — impelliam-no ainda mais para a frente. Quando começou a escolha do elenco para o grande *Ben Hur*, poucos o acharam capaz de assumir o papel do principe judeu. Mas Ramon tinha o coração nesse estranho papel. Mesmo depois de escolhido George Walsh e enviado á Italia, com o Companhia, Novarro ainda assim cria que a elle devia caber o papel daquelle tragico heroe. Já se contou a maneira pela qual elle lutou pelo papel, até photographias tirando como *Ben Hur*. Não é necessario repetil-a. Eventualmente George Walsh foi recambiado a Hollywood e Ramon assumiu o papel que tinha ha muito como seu. Não é necessario fazer commentario algum a respeito da sua notavel corporificação do heroe do livro de Wallace.

Novarro é capaz de trabalhar apaixonadamente e com sacrificio seja pelo periodo que fôr. Exercicios e mais tarde a carreira de dansarino deram-lhe um corpo perfeito e athletico. Applicação á arte de representar, cultura da voz e estudos geraes aperfeiçoaram-lhe o talento.

(Termina no fim do numero)

Nova edição dos "TRES MOSQUETEIROS"

CINEMA DA FRANÇA

Por que a França não nos envia apenas os bons Films?

Aimé Simon Girard é outra vez c d'Artagnan.

JUAN

POUCOS artistas hespanhóes têm obtido successo no Cinema. Quando me refiro a artistas hespanhóes, quero tratar dos que ou nasceram em Hespanha ou della vieram, deixando as velhas e bonitas cidades de Leão e Castella e vieram ter a Hollywood, em busca de fortuna nos Films.

Ha innumeros artistas de sangue hespanhol, triumphando na cidade do Cinema, como é o caso de Ramon Novarro, mexicano tão famoso e uma das figuras mais admiraveis de todo o mundo do celuloide. Lupe Velez, esse furacão de saias, Dolores del Rio, a sempre lembrada Katucha de "Resurreição", Don Alvarado e outros...

Poucos, muito poucos, sómente os velhos "fans", ainda se lembram e admiram Antonio Moreno, das series, ao lado de Pearl White, como em "A Casa do Odio" ou nas antiquissimas producções da Vitagraph ou da World... Antonio, no seu tempo, foi o artista hespanhol que mais glorias deu á sua Patria.

Com o advento dos "talkies", surgiram tambem as versões faladas em varios idiomas. Assim, o mundo se viu invadido de pelliculas em hespanhol, francez, italiano, allemão, sueco, hungaro—emfim um sem numero de idiomas diversos começou a ser falado deante dos microphones dos varios Studios de Hollywood.

Muito erro se commetteu. Muitos attentados foram realizados, em nome da Arte das Imagens...

Nomes tambem surgiram, uns para desapparecer em breves mezes, outros que conseguiram com trabalho agradavel e personalidade sympathica ficar no coração de alguns "fans".

Quando vi, pela primeira vez, Juan Torena em Films falados em hespanhol, o achei sympathico, com porte magnifico e um modo de trabalhar que agradava, logo á primeira vista.

Depois, vim ter a Hollywood — a cidade dos meus sonhos, que — felizmente — ainda não me deu decepções nem motivo para escrever sobre as suas desillusões e contra ella investir o meu odio.

Fui a elle apresentado pelo nosso querido patricio Raul Roulien, que com elle tambem trabalhara, pela primeira vez, em Hollywood.

Eram Treze foi o primeiro Film que Roulien fez, ao chegar a Hollywood e no elenco estava Juan Torena. Conheci, assim, essa figura do Cinema hespanhol, se assim podemos chamar as versões feitas nesse idioma.

Lembro-me tambem das palavras do representante da Fox, ao commentarmos a versão de DIVINO PECCADO, onde appareciam Maria Alba e Juan Torena, nos papeis que tiveram, na producção original, Janet Gaynor e Charles Farrell. Elle dizia que, em certos momentos, os dois artistas hespanhóes supplantavam os seus collegas americanos.

Foram esses os pensamentos que me levaram a procurar Juan Torena para uma rapida palestra, emquanto elle espera um novo papel, já que a Fox e, provavelmente, a Columbia farão Films falados em castelhano, para a nova temporada.

Com Victor Mac Laglen em "The Gay Caballero".

Juan Torena reside num lindo "bungalow", em El Centro, distante poucos passos do Studio da Columbia e da Radio Pictures, que ficam ambos na Gower Street.

Elle, no Cinema, parece ser mais alto do que é, realmente; mas, a mesma sympathia que offerece nos seus trabalhos, elle a mostra em pessoa. Gentil, e sendo de uma prosa agradavel.

Juan Torena nasceu nas ilhas Phillipinas, mas, muito menino, foi para Hespanha, onde viveu durante muitos annos, trabalhando e, nas suas horas de folga, dedicando-se ao football — esse nosso mesmo football que é a loucura dos brasileiros.

Elle chegou a ser um dos melhores jogadores hespanhóes, um idolo do seu povo e um campeão nacional. Que tal, se elle, um dia voltasse a jogar e apparecesse, ahi, em pleno campo do Flamengo ou do Vasco? Que torcida, não seria nesse dia... Imagino todas as minhas lindas patricias torcendo por elle — e, naturalmente, após o jogo, pedindo autographos!

Presentemente, Juan Torena não está trabalhando, pois a producção de pelliculas — "habladas" em castelhano, foi muito reduzida, em Hollywood. Sómente, a Fox as está fazendo e para ellas tem, apenas, pouca gente contractada, que são a grande artista, Catalina Barcena, José Mojica e o nosso Raul Roulien, que, no seu contracto para Films inglezes, tambem é indicado para tres producções em hespanhol, uma vez que fala e canta nesse idioma, tão bem quanto o faz no nosso.

Mas, sendo um artista de valor, possuindo physico tão sympathico e senhor de um nome conhecido nas platéas que apreciam os Films falados em castelhano, é bem provavel que Juan Torena volte a apparecer, muito breve, nas telas dos nossos Cinemas. Ella esteve sob contracto com a Fox, durante cerca de dois annos, tendo apparecido em varias producções, que, como se recordam os leitores, foram "El Valiente", versão de um Film de George O'Brien, "Cuerpo y Alma", versão de "Corpo e Alma", que Charles Farrell e Elissa Landi filmaram, em inglez — "Divino Peccado", tambem exhibido no Rio, em principios deste anno. Lembro-me que "Cinearte", tambem teve sempre para o trabalho e desempenho de Juan Torena palavras de sympathia. Realmente, elle é de todos os hespanhóes do Cinema, o que mais se salientou, tendo dado papeis interessantes, representados com arte e muito sentimento. Elle é um galã sem affectação, natural nos seus gestos e sereno nas suas interpretações.

Mas, Juan Torena não tem apparecido apenas em Films hespanhóes — na sua carreira, ella tambem inclue varios papeis em producções

Leiam o que Juan Torena diz de Lia Torá com quem trabalhou no Film "A' meia Noite".

inglezas ,como, recentemente, elle fez em "The Gay Caballero", ao lado de Victor Mac Laglen e George O'Brien, Film esse que não sei se já foi exhibido, no Rio.

Laura La Plante tambem o teve em uma das suas esplendidas comedias — o mesmo succedendo com Lia Torá, naquelle *short A' MEIA NOITE*, que vimos no Pathé Palacio, ha tempos passados.

Elle me falou de Lia: "A sua patricia, Lia Torá, foi muito minha amiga, sempre gentil, amavel e distincta. Ella, de todos os elementos estrangeiros, digo melhor dos latino-americanos, é o typo mais interessante e a artista melhor que já vi. Dava gosto vel-a trabalhar, pois sempre se sahia bem dos seus papeis e era um elemento primoroso com quem trabalhar. Tinha um futuro esplendido, pois ouvi, varias vezes, elogios de directores e de "executives" sobre não só a sua interessante personalidade, belleza e elegancia, mas tambem á maneira pela qual desempenhava as partes que lhe davam. Lia foi-se embora, mas deixou aqui amigos sinceros. Todos gostavam della e a sua falta deixou saudades em todos, seus amigos..."

Não são palavras sinceras, bonitas, estas de Juan Torena sobre a nossa Lia, cuja passagem pela cidade de Hollywood foi bastante significativa?

TORENA...

(*DE GILBERTO SOUTO, representante de "CINEARTE" em Hollywood*).

Juan Torena fala-me tambem de Roulien, tendo palavras de elogio para a sua victoria tão rapida e a sua ascenção tão breve. Trabalharam juntos em "Eram Treze", o primeiro contacto do nosso patricio com as cameras de Hollywood e desde esse dia, data a amizade que liga Juan Torena a Roulien.

E "Cinearte" é amigo velho de Juan Torena — ali estavam velhos numeros, empilhados a um canto de uma mesinha, no seu lindo "bungalow", provando que a legenda que deu para a nossa revista é sincera — elle é bem o assiduo leitor da melhor revista sul-americana de Cinema...Aquella tambem era a sua opportunidade de agradecer á publicação do que haviam escripto sobre elle, em varios numeros passados. Não era necessario, Juan Torena agradecer pois "Cinearte" não havia feito favor algum, quando disse ser elle um bom artista e chamar a attenção dos leitores para o seu trabalho, nos Films. "Cinearte" escreve e diz o que pensa, sempre inspirado por um desejo de publicar a verdade, com imparcialidade. Portanto, amigo Torena—continúa a trabalhar, procurando dar novos e bons trabalhos, como fizeste em "Del Infierno al Cielo" (titulo em hespanhol de "Divino Peccado") e "Cinearte" ainda terá muito e muito que escrever sobre a tua personalidade.

Juan Torena quiz tambem mandar os seus "saludos" ao nosso publico, aos leitores de "Cinearte", aqui ficam elles portanto, com os agradecimentos adeantados de todos os nossos leitores.

Os seus planos... elle não os tem no momento! Espera por novas opportunidades, a "chance" que veiu ao seu encontro, uma vez, voltará certamente, pois ella nunca abandona, os que tarbalham com persistencia, com vontade de vencer, mas a sorte, ás vezes, é dura e ingrata. Hollywood está repleta de valores, de talento e a concurrencia é grande, mas, curioso, não encontrei nos labios de Juan Torena palavras asperas ou imprecações contra a cidade do Film!

Elle não falou mal de Hollywood — não a culpa por que, no momento, se encontra inactivo. Elle não se esquece que ao chegar aqui, a sorte o favoreceu, lhe deu muito trabalho, um excellente contracto, Films para interpretar, papeis importantes, nome, e fama em muitos e muitos paizes sul-americanos, na sua Hespanha querida, por esse mundo immenso... Tudo isso, elle conserva na sua memoria como a contribuição boa e amiga, generosa e magnanima da cidade do Cinema... Por que, agora, que os fados são adversos — voltar-se contra a mesma cidade que já lhe deu tanto no passado? E' justo? Não; seria, apenas, uma coisa sómente — despeito!

E isso é o que succede com os que receberam muito e desejaram mais... é o que occorre os ambiciosos ou os que, sem valor, sem merito, receberam, por vezes um presente real e, logo a seguir, reclamaram tambem o sceptro, a corôa e a purpura!

Juan Torena tem ambições, como qualquer um de nós — mas elle sabe confiar no seu valor e na sua boa estrella... A sorte voltará: novos papeis virão ao seu encontro e o seu logar no Cinema, quer nas versões hespanholas ou nas originaes, em inglez, elle o terá...

E, fazendo justiça a uma figura sympathica, distincta, extremamente gentil, *Cinearte* póde, hoje, dar uma ligeira chronica sobre Juan Torena...

Juan e Maria Alba em 'Divino Peccado"

Con cariños! Saludos al simpatico publico Brasileiro Juan Torena Hollywood

---

NIGHT AFTER NIGHT (Paramount) — Archie Mayo póde orgulhar-se de haver dirigido uma esplendida comedia, onde se juntam emoção, motivos comicos impagaveis, e um elenco primoroso. O Film nos dá George Raff, essa nova ameaça, no seu maior papel. Elle prova, assim, que tem a confiança do Studio. E se os dirigentes da Paramount confiam nelle — elle não desmente essa confiança. O seu papel é um dos melhores, bem vivido e desempenhado com tanta naturalidade e sympathia que o seu nome ficará mais popular ainda. Mas, quanta gente boa pelo Film todo! Alison Skipworth, essa velhota notavel, na velha professora que procurava melhor a linguagem e augmentar os conhecimentos do "gangster", está mais do que esplendida. E, quando ella vae, pela primeira vez a um "speakeasy" e lá se embriaga a platéa morrerá de tanto rir. E outra grande surpresa — o Film nos revela Mae West, artista do palco de New York.

Logo que surge, no Film toma conta do publico. A Paramount já a contractou para novos trabalhos — Mae West é estupenda, impagavel e um nome destinado a ficar. Roscoe Karns, no amigo e companheiro de Raft, muito bom. Ha situações esplendidas em todo o Film, que agradam e divertem immenso. Wynne Gibson tambem apparece e, como sempre, bem. Constance Cummings é a heroina, por quem George Raft se reforma. Ella está linda. O Film tem montagens lindissimas, maravilhosas mesmo.

A Paramount póde contar com um successo para este Film — se elle não chamar muita gente, o primeiro dia, o publico se encarregará de fazer a propaganda. Para os que entendem inglez, então, o Film sóbe de valor com pontos. As licções de Alison Skipworth a George Raft valem um milhão de dollars! Vejam que gostarão immenso e não se esqueçam de prestar attenção nessa Mae West...

Depois contaremos a historia della e ás suas aventuras em New York...!

+ + +

Genevieve Tobin está ao lado de Norman Foster, o marido de Claudette Colbert, em "Pleasure Cruise", da Fox.

+ + +

O proximo Film de Marlene será "Hurricane", e será começado logo que Joseph Von Sternberg e Jules Furthman voltem de Haiti. A historia foi escripta por Jules.

+ + +

"Mr. Robinson Crusoé" é o novo titulo do ultimo Film de Douglas Fairbanks para a United Artists.

+ + +

Lillian Bond era dansariam em Londres, com a edade de 16 annos.

+ + +

Wallace Ford agora considerado um dos mais brilhantes artistas de Hollywood, com a edade de doze annos não sabia ler nem escrever...

+ + +

Raquel Torres é a pequena do novo Film de Bert Wheeler e Robert Woolsey para a Columbia — "That's Africa". Eddie Cline, é o director.

FUTURAS

(SEGUNDO A CRITICA FRANCEZA)

EMBRASSEZ-MOI (G. F. F. A.) — Por Tristan Bernard, Yves Mirande e Quinson. Musica de Vincent Scotto e René Mercier. Direcção artistica de Ermolieff. — Direcção scenica de Léon Mathot. — Interpretação de Milton, Tania Fédor, Jeanne Helbling, Escande, Abel Tarride, Raymonde Bonnet, Sinoél, Georges Tréville.

Não se póde negar que Milton é um artista comico de grandes recursos. Este seu novo Film é o modelo de um genero bastante difficil de conseguir — a comicidade permanente.

Elle representa o personagem de Boucatel com muita firmeza e perfeição.

E' a historia de um rico negociante de vinhos que obriga a familia Champavert a consideral-o um salvador. Chega ao ponto de, apesar da sua vulgaridade, conquistar o amor da nobre Marqueza Aurora, propondo-lhe casamento, porém sob a condição de que Lord Ashwell, parente da mesma, lhe conceda um titulo.

"Embrassez-moi" é um Film importante, rico, para o qual não se mediram despesas, seja nas montagens, como em todos os demais pontos de sua confecção. As montagens do castello, do parque, os jardins, constituem elementos de valor do Film.

A scena de amor entre Milton e a Marqueza, está muito bem representada. Boa photographia e perfeita nitidez de som.

Sinoél e Tania Fédor, vão muito bem. Jeanne Helbling está muito elegante. Tréville, muito chic.

DANTON (Guerlais) — Decorações de Traúner. — Photographia de Burel. — Montagens de Hénaff. — Direcção de Roubaud. — Interpretação de Jacques Grétillat, Marguerite Weinterberger, Andrée Ducret, Thomy Bourdelle, André Fouché.

E' um Film historico, para o qual não foram poupados esforços, não só na direcção como na documentação, tornando-o assim de grande valor espectacular. Um episodio da revolução franceza e do celebre Danton.

O Film tem muitos dialogos, está um tanto theatral de fórma e apparencia e contém todas as phrases authenticas de Danton.

Uma das sequencias mais importantes é a do tribunal que julga Danton.

O Director Roubaud não soube variar nos apanhados de "camera", abusando muito de portas e corredores. Seu Film, por se concentrar em Danton é apenas um fragmentario de revolução. Entretanto, soube conseguir scenas esplendidas nas quaes mostra o caracter de Danton. Noutros pontos de vista, o Film deixa um tanto a desejar.

Jacques Grétillat, encarnando o papel de Danton, póde ser discutido pelo seu tom emphatico e seus gestos exaggerados. Elle não tem ao menos a mascara viril e uma realidade grandiosa na scena da accusação. Os outros artistas, com excepção de Bourdelle e Andrée Ducret, estão puramente "theatraes", mas isto se desculpa, devido ao estylo dado á interpretação geral.

L'AMOUR ET LA VEINE (Jacques Haik) — Por Seymour Hicks. — Decorações de D'Eaubonne. — Direcção de Monty Banks. — Interpretação de Max Dearly, Robert Ancelin, Carjol, Ginnette Gaubert, Simone Lencret, Henry Richard, Gabriel Jacques, Pachel Devirys.

Monty Banks, bastante conhecido atravez varias comedias produzidas nos Estados Unidos, gosta muito de passear pela Europa. Varios têm sido os Films em que lá tem tomado parte.

Nesta producção franco-ingleza, elle passou de artista a director, estando sob suas ordens um grupo de artistas conhecidos do Cinema e palcos francezes.

"L'amour et la veine", é uma phantasia Cinematographica que mais póde ser considerada como um "vaudeville" do que mesmo uma comedia.

Banks teve com este seu trabalho a honra de apresentar a melhor creação de Max Dearly, o conhecido e afamado comediano francez.

E' um "vaudeville" esplendido, onde as situações divertidas surgem a todo momento.

Max Dearly prende toda a attenção dos espectadores.

Não ha propriamente algo de inedito em todo o Film, porém o "scenario" está feito com algum capricho e as montagens são de effeito. A photographia é um tanto falha em certos trechos e o som não é de uma pureza absoluta.

Carjol tem um magnifico desempenho. Ginette Gaubert, muito graciosa. Simone Lencret, cheia de phantasia. Os demais, como sejam: Henry Richard, Rachel Devirys, Olga Valéry, Robert Ancelin, Gabriel Jacques, estão a contento.

ESTRÉAS

UNE FINE PARTIE (S. E. L. F.) — Direcção artistica de Marco de Gastyne. — Por René Pujol. — Interpretação de Urban, Louis Allibert, Dolly Davis, Claudie Clèves.

A maior parte de suas scenas são exteriores.

Está magnificamente dirigido e interpretado e apresenta uma maravilhosa photographia.

Ha scenas de campo de um agradavel effeito á vista. Os dialogos são muito divertidos.

Dolly Davies e Claudie Clèves, duas lindas pequenas, representam as principaes partes femininas. Urban e Allibert completam os pares.

Paulais vae muito bem no papel de guarda campestre.

LE PICADOR (Aura Films) — Por Tony Blas e Henri d'Astier. — Direcção de Jaquelux. — Supervisão de Germaine Dulac. — Musica de Soler Casaba . — Photographado por Forster e Forcher. — Interpretacão de Jean Mauran, Enrique de Rivero, Joffre, Maupi, Gildès, Pitouto, Ginette d'Yd, Madeleine Guitty, Florence Walton.

E' um Film de certo valor, mas cuja acção se desenvolve com muita lentidão. Entretanto, esta producção, dirigida com muito cuidado, contém passagens de muita belleza e poesia, fazendo assim esquecer os erros e as imperfeições que nella se observam.

Historia passada entre artistas, mostrando-nos algo de corridas de touros.

A direcção, como já acima fizemos salientar, é um tanto lenta, porém Jaquelux, o director, foi feliz no ponto de vista artistico.

Jean Mauran, desempenhando o papel de Pastor, é um bom comediano e cantor. Ginette D'Yd está muito bonita no personagem de Dolores. Enrique de Rivero, muito sympathico e Florence Walton, admiravelmente linda. Madeleine Guitty e Pitouto, engraçados.

PASSIONNÉMENT (Paramount) — Por Maurice Hennequin e Albert Willemetz. — Musica de André Messager. — Scenario de Albert Willemetz e Jean Boyer. — Direcção scenica — René Guissart. Interpretação de Florelle, Fernand Gravey, Baron Fils, Urban, Danielle Bregis, Carrette, Koval e Davia. Uma opereta Filmada, não contendo qualidades puramente Cinematographicas, porém, que se vê e

Está bem dirigida e interpretada. Espera-se fazer successo no estrangeiro, assim como tem feito em todo o territorio francez.

Ha no Film uma interessante introducção feita em desenhos animados. No final ha um "numero" de successo — "A lista dos vinhos francezes".

Florelle, a exquisita Florelle, faz dois papeis: o da velha dama e o da joven endiabrada.

Florelle de cabelleira branca e lunetas, fica muito attrahente. Os seus "partenaires": Koval, possue um sotaque americano bastante accentuado; Urban, bastante engraçado; Davia, Baron Fils, Danielle Regis, a contento e finalmente Fernand Gravey, que deixou as melhores impressões.

VAMPYR (L'Etrange aventure de David Gray) — (Tobis) — Decorações de Hermann Warm. — Direcção de Carl Th. Dreyer. — Photographia de Rudolph Maté e Louis Née. — Musica de Wolfgang Zeller. — Interpretação de Sybil Schmitz, Maurice Schutz, Mme Arbanina, Réna Mandel, Julien West, Albert Bras, Robert Boidin, Hiéronimko e Jane Mora. Este é mais um trabalho do grande realisador de "La passion de Jeanne D'Arc", o qual estava sendo feito durante alguns mezes de mysterio.

Historia baseada nas explorações de uma mulher vampira, que, entretanto não se torna ridicula. A photographia é riquissima em effeitos artisticos de valor.

O Film é sómente sonoro. A tecnica é admiravel, intelligentemente empregada e de uma sensibilidade impressionante. Os "shots" de "camera", são muito bonitos e raros. A photographia está repleta de effeitos artisticos. O Film é, noutras palavras, uma obra toda decorativa e não possue nenhum movimento. Os objectos têm sua vida propria. Apenas a synchronisação final não agrada. Na interpretação os artistas se mantêm no mesmo plano. Um trabalho artistico e que sómente poderá ser sufficientemente julgado por um determinado numero de cineastas.

Duas scenas da ultima versão de "Danton". Ao alto, uma scena do Film "Embrassez-moi".

A

YMORÉ (Carazinho) — Cecilia Parker, Universal City, California. Sylvia Sidney, Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California.

RUDY (Rio Claro) — Respondo a todos "Rudy"... basta escreverem. Sim, breve "mostraremos" todo o Studio... Breve você terá occasião de vêr "Ganga bruta." Barry não sei. Elle nada diz dos seus planos. A outra, deixou o Cinema.

R. OCTAVIO (Rio) — Qual é a revista a que se refere e orgão de que associação ella é?

FANATIC OF K. MORLEY (Bello Horizonte) — Madge Bellamy trabalhou em "Zombie", da United, com Bela Lugosi.

Pergunte-me outra...

DINNÁ (Rio) — E' que não temos recebido photographias della. E daquelle Film não sahiram mais porque o material não era bom. Mas ainda publicaremos novos photos della e talvez mais lindas do que o que pede. calma... Volte de novo "Diná."

SUNNY BOY (Belém) — Vou aproveitar a sua carta. E' necessaria licença para a visita. A sua ultima pergunta é gozada... A artista é a "estrella", ora essa!

LUIZ DVORAK (Rio) — No momento, não me lembro. Pela collecção de "Cinearte", poderá verificar.

N. FORTES (Rio) — Boas e bem observadas as respostas que mandou.

CECY (S. Paulo) — O elenco de "No Man of Her Own", da Paramount, com Miriam Hopkins e Clark Gable é este: Dorothy Mackail, George Barbier, J. Farrell Mac Donald, Walter Walker, Lillian Harmer, Grant Mitchell e Elibath Patterson. Westey Ruggles é o director. Ha muitos annos que Dorothy não trabalhava na Paramount.

CHIC SALE JUNIOR (Campinas) — Clarence Burton, um dos protegidos de De Mille, tem em "The Sign of the Cross", um papel como nunca teve: chega até o final vivo! Elle sempre tem morrido nos Films...

HUMBERTO CALIXTO (Parahyba do Sul) — Sim, publicaremos e não se esqueça de mandar a noticia logo que as obras sejam concluidas e inauguradas. Tem feito relativo successo. Não, por que suppõe que ella venha...? Lelita voltará. A outra, não sei Até logo, Humberto."

FRANCISCO BIANCARDI (S. Paulo) — Só respondo por aqui. Nem sempre tem applicação, mas vamos aproveitar o que enviou.

ZÉZÉ (Jacarehy) — São movietone. Então o "Rio Branco só tem exhibido réprises de Films velhissimos...?

KARL HEINRICH (Belém) Fico contente com a noticia que me dá. O meu desejo é que o Brasil todo seja bem servido de Films. Já tinha lido o artigo. Vae ser commentado. Duas e tres copias e breve serão necessarias mais... mais de "Labios sem beijos" foram tirados cinco... Será falado e a estrella é uma... morena mesmo! Uma das maiores "descobertas" do nosso Cinema, Karl...! Aguardo a surpreza...

O. KOEHLER (Rio) — Gary: Paramount Studios, Marathon Street, Hollywood, California. Leyla: M. G. M. Studios, Culver City, California. Sally: Fox Studios, Western Avenue, Hollywood, California. Madge: o mesmo de Leyla. Zasu: Universal City, California. E só respondo cinco perguntas de cada vez...

EMMANUEL (Belém) — Barbara: Columbia Studios, Gower Street, Hollywood, California. Talvez "So Big" (No palco da vida). Robert e Neil continuam e o primeiro está fazendo um Film com Tallulah Bankhead "Grande Hotel" só para o anno. O Gonzaga agradece "A Semana e o abraço.

AMD. DE FREDRIC MARCH (Piracicaba) — Mas temos publicado bastante photos delle e ha pouco tempo um artigo salientando a sua personalidade e talento... Não leu? Eu tambem sou **fan** de Fredric, aliás Fredric March apparecerá muitas vezes no "Cinearte"...

Myrna Loy

"O valor educativo do Cinema parece-me sem limites, se os homens á testa da industria tiverem sufficiente imaginação para aproveital-o. Para mim, mais do que nunca, o Cinema dia a dia, está se tornando de maior valor para o publico" — Mrs. Franklin Roosevelt.

Johnny Weissmuller

oooo0oooo

Lembram-se daquelle aviador que vimos ha pouco em "Mercado de escandalos"? Chamava-se Hans von Twardowski e trabalhou nos antigos Films de Marlene, na Allemanha, como seu galã, tendo sido tambem companheiro da "Venus loura" no palco. Já o conheciamos do "Gabinete do Dr. Cal.....

Cinema Educativo

(De SERGIO BARRETTO FILHO)

AS OPINIÕES DE LEITÃO DE BARROS SOBRE O CINEMA EDUCATIVO

SOBRE as medidas officiaes, concernentes ao Cinema Educativo, e ao fabrico de Film portuguezes, ha, forçosamente, uma opinião a considerar-se: a de Leitão de Barros.

Todos dizem isso em Portugal, porque elle é o realizador nacional em maior evidencia e o unico que, até agora, experimentou o Cinema Falado.

O que pensa o autor da "Severa", phonofilmada, a respeito do decreto do Sr. Ministro da Instrucção?

As idéas do Sr. Leitão de Barros acerca das medidas governamentaes são já conhecidas nas estações superiores, a cuja ponderação se submettera. Mas não representam segredo para ninguem.

As tertulias em que a palavra fluente e enthusiastica do talentoso artista se faz ouvir, e é escutada com interesse, igualmente as conhecem.

Porque não recolhel-as dos labios de alguns ouvintes para as transmittir aos leitores de "Cinearte" que seguem esta questão com vivo e sincero empenho de a vêr solucionada?

Vamos, pois, ás vozes.

E' sabido que a Commissão do Cinema Educativo teve o applauso do Sr. Leitão de Barros, que até telegraphicamente felicitou o Sr. Ministro da Instrucção. Veio nos jornaes. O que estes, segundo parece, não disseram foi que o Sr. Leitão de Barros pretende para ella uma organização e um objectivo mais amplo e mais praticos. Assim, em seu juizo, devem habilital-a a criar fundos privativos e autorizal-a a effectivar um vasto programma de Films culturaes. Mas, para isso, a Commissão precisa de abranger tres secções: a primeira, de caracter orientador; a segunda, com um objectivo de ordem technica; a terceira destinada a occupar-se dos assumptos financeiros. Na primeira secção, ficariam os membros da Commissão actual; na segunda, profissinaes de reconhecida competencia; na terceira, individualidades conhecedoras da organização commercial do meio Cinematographico.

Segundo o Sr. Leitão de Barros, o problema não se resolve abrindo concursos para a adjudicação da realização de Films, sem qualquer encargo para o Estado, e obrigando os Cinemas e exhibil-os. A obrigatoriedade dos bons Films é perfeitamente inutil. Haja-os em condicção de agrado, e não faltará quem deseje explorar a producção nacional de um paiz. Virá até a ser disputada pelas varias empresas a sua exhibição. E não se comprehende, tambem, que os adjudicatarios, além de fazerem os Films por sua conta, ainda hajam de contribuir para o Estado com 25 por cento da receita liquida, durante o tempo em que os mesmos Films forem exhibidos, após uma exploração "normal" que não se sabe muito bem o que seja, nem quando termina.

Affirma e sustenta Leitão de Barros, que, antes de mais nada, é necessario criar um "studio" para que se leve a effeito a producção nacional.

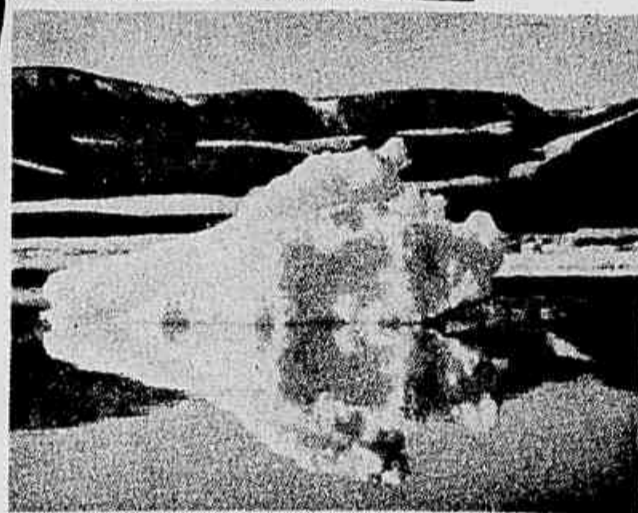
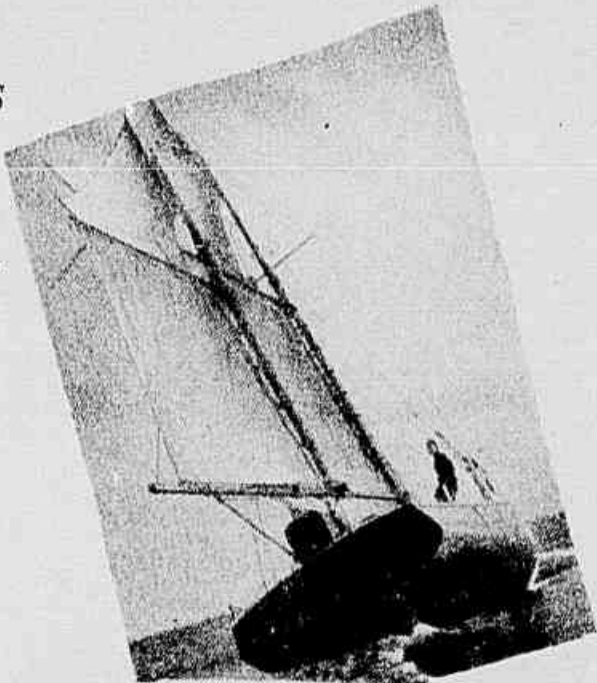
Os Films portuguezes precisava absolutamente delle, na certeza de que os espera um futuro admiravel, até como negocio rendoso. O publico acha-se fatigado de ouvir falar, na tela, francez, allemão, inglez, e hespanhol, e aguarda que lhe dêem Films falados em portuguez, com musica portugueza ou brasileira, e themas e costumes portuguezes e brasileiros.

O exito commercial da "Severa" é proposto como um exemplo a meditar.

Os exhibidores, porém, que anseiam por Films portuguezes, não podem, sózinhos, construir um "studio", emprehendimento esse que demanda o emprego de vastos capitaes.

Onde irão fabricar-se os Films para que se tenciona abrir o concurso, se o problema do "studio" se não encara a sério, antes de mais nada?!

O Sr. Leitão de Barros apresenta e defende varios alvitres no sentido de se facilitar a realização de Films portuguezes, desde que disponhamos das condições indispensaveis para os levar a cabo.

Assim, qualquer programma estrangeiro que se estréasse implicaria, para o exhibidor, a obrigação da estréa simultanea de 15 por cento de Film portuguezes corrente, em vez dos 3 por cento actuaes. Todavia, os 15 por cento por cento poderiam baixar a 10 por cento, quando o Film portuguez, por proposta da Commissão do Cinema Educativo, merecesse ser classificado de "Films de Arte". A reducção ainda desceria a 5 por cento, se o Film, apresentado pelo exhibidor, obedecendo ás determinantes do programma

"Groelandia".

da Commissão do Cinema Educativo, fosse por esta considerado como "Film cultural".

E o Film portuguez de grande metragem, como concorrer, para lhe assegurar a exhibição? Autorizando o exhibidor a adquirir os decretos de licença de estréa, de metragem de Film portuguez, por meio da apresentação o Film portuguez, cuja metragem correspondesse á somma da de differentes Films portuguezes a serem estreados, numa determinada época.

Acha tambem o Sr. Leitão de Barros, como todos aquelles a quem estes assumptos preoccupam, que são grandes as obscuridades do decreto. Não se explica nelle o que seja uma exploração "normal". Não se percebe o que é que se põe a concurso; se o argumento, se a edição do Film, se o córte, se a simples idéa. Ignoram-se as linhas geraes das bases em que se adjudica a realização de um Film, admittido que a Commissão se limita a propôr o argumento, como se ignora igualmente quem fará a edicção ou córte (découpage), desde que seja apresentada pela Commissão. Não se demonstram as vantagens que podem ter os concorrentes, aliás onerados com as despesas do Film, e os 25 por cento da receita liquida, depois da tal exploração "normal", a não ser a imaginaria regalia da obrigatoriedade, que toda a producção portugueza de verdadeiro valor realmente dispensa, porque será voluntariamente exhibida pelos Cinemas de todo o paiz, apretrechados com aparelhos sonoros.

D todas estas opiniões sobre o decreto, e que são de bastante senso commum, se infere a conveniencia da sua remodelação. Quanto ao parecer pessoal de Leitão de Barros, acerca de como se soluccionar o problema dos Films portuguezes, no que respeita á sua exhibição, apenas o archivamos, sem o analysar, e sem que o perfilhemos ou lhe façamos objecções de especie alguma.

A INICIATIVA PARTICULAR, EM PORTUGAL, E O CINEMA PEDAGOGICO

No meio de tanto interesse e desinteresse que ultimamente tem despertado, dentro dos que fazem parte da nossa raça, o magno problema do Cinema Educativo, não queremos deixar de chamar a attenção dos brasileiros para uma interessante iniciativa que representa, até certo ponto, a concretização da doutrina que temos defendido, no tocante á utilização das imagens animadas como auxiliares de ensino.

Com effeito, na "Escola Minerva", um instituto de ensino que conta hoje com mais de 400 alumnos, o Cinema, mercê da acertada visão dos Srs. engenheiro Luciano Alves e professor Ruy Gomes da Costa, occupa, ao lado do mestre, um logar de destaque, como meio de ensino.

Todas as semanas, aos sabbados, são exhibidos Films, ou melhor, programmas escrupulosamente organisados, cujos Films alternam com conferencias de professores e alumnos.

Não ha duvida! A projecção de pelliculas rigorosamente educativas, com regularidade, todas as semanas — e numa escola portugueza! — não é um caso banal que mereça ser relegado para um plano secundario, e muito menos para o esquecimento.

Estas iniciativas, tanto mais valiosas, quanto é certo que florescem em um meio arido, pouco propicio para o seu desenvolvimento, é que importa focalizar. Revelam uma somma de boa vontade, que se não encontra com a frequencia que seria de desejar contra a maldita rotina, que em negar aos mestres o direito da adopção dos processos pedagogicos que o progresso vae reconhecendo como mais efficientes.

Na "Escola Minerva", porém, a machina projectora não funcciona apenas uma vez por semana. Na tela do elegante salão, exhibem-se, a miude, Films, que são acompanhados por explicações dos professores, e projectam-se diapositivos que illustram proficuos recitativos oraes.

Numa recente visita ao modelar estabelecimento de ensino, um collega nosso teve occasião de verificar o que atraz dissemos. Os resultados obtidos, affirmam os mestres, são animadores. Os estimulos para proseguir no caminho traçado são, por isso, poderosos.

Mas o Sr. engenheiro Luciano Alves, ao receber o nosso collega, teve occasião de fazer sentir a decantada pobreza do mercado, quanto aos Films educativos, em Portugal.

E explicando:

— Na verdade, ha realizados alguns Films educativos que poderiamos exhibir. Mas, quanto a mim, entendo que a visão duma pellicula, embora bemfeita, mas longa e só accessivel aos technicos e interessados, estes em numero restricto, de nada serve. E' o caso dos Films do Ministerio da Agricultura, por exemplo, que já têm sido exhibidos nesta Escola, e que, pela sua extensão, minucia, e transcendencias não despertam a curiosidade, nem gravam idéas no cerebro dos nossos alumnos.

Films excellentes, sem duvida, mas apenas para aquelles a quem interesam directamente, isto é, os estudantes de Agronomia e Veterinaria.

Vem á baila a questão do Cinema Educativo, e das medidas tendentes a fomentar o seu uso nas Escolas.

O nosso interlocutor applaude a iniciativa official.

Ha muito a fazer neste sentido. E' preciso realizar Films, sim, mas orientados de forma a interessar platéas distinctas, formadas por alumnos dos diversos graus do ensino.

Um Film, affirma ainda, para um estudante do setimo anno, ha de ser, por força, mais complexo do que o destinado a ser comprehendido por um aprendiz de primeiras letras. A linguagem Cinematographica póde comparar-se á linguagem escripta. E nesta faz-se sempre a distincção, conforme a idade e a cultura daquelles a quem se destina.

— Na organização dos nossos programmas, tenho adoptado um criterio que me parece razoavel.

Não caustico a attenção dos meus alumnos, com duas ou tres horas de Cinema puramente pedagogico. Além de 4 a 5 partes de Films didacticos, costumo offerecer-lhes uma pellicula, de metragem equivalente, recreativa, sem prejuizo da moral nem dos bons costumes...

Lá fóra, em Congressos especialmente convocados para o estudo das questões delicadas que se prendem com o uso do Cinema nas Escolas, assentou-se esta verdade: mais de vinte minutos de "Cinema para o cerebro" cansam a attenção e prejudicam a efficiencia do methodo.

Como dissemos, intercalamos sempre umas pequenas palestras que distrahem, que ensinam, e que desviam a attenção do rectangulo onde se reproduz o que se pretende ensinar. Este methodo, embora possa parecer prejudicial, é vantajosissimo.

(Termina no fim do numero)

Pagina dos Leitores

ALGUNS trechos interessantes de cartas que o "Operador" tem recebido ultimamente. "Zézé Sussuarana", de Jacarehy escreveu estas recordações sobre os Films brasileiros que tem assistido: — "A Noite, cavalgando seu fogoso corcel, ia, celere, em perseguição ao Sol, que fugia; e o Sol, o grande reflector, fugia, porque elle queria continuar a illuminar o "set" do Mundo com sua luz e a Noite queria apagal-o. A perseguição durou algum tempo mas, finalmente, a Noite alcançou o Sol e, impiedosa, apagou-o. Apagou-o porque ella havia extendido, sobre a Terra, um manto estrellado, lindo, formoso, que o Sol, com sua luz forte, não deixava apparecer. E quando a Noite apagou o Sol, quando as estrellas do manto da Noite começaram a scintillar, o Silencio, que havia sido exilado das tiras de celluloide, veiu, a pouco e pouco, muito lentamente, pousar sobre a Terra. Quando o Silencio era completo, a Imaginação, ajudada por elle e pelas trevas da Noite, começou a focalisar, com a lente telephotica da Recordação, o Passado, e a trazer, delle, para o Presente, a lembrança dos Films brasileiros que assisti. E, um a um, elles foram desfilando ...

"Rozanne", do Rio, talvez a maior "fan" de Borris Karloff.

João da Matta... Quando "João da Matta", da "Phenix", de Campinas, foi exhibido aqui, havia, na bilheteria do Cinema, um cartaz que dizia que Angelo Fortes, o "mocinho", era o "William Farnum brasileiro". Eu, que naquelle tempo era bisonho ainda em Cinema e não conhecia as manhas da publicidade, pensei que era, mesmo. Depois, na exhibição, constatei que nada tinham de commum. Naquelle tempo eu não sabia nem que existia o termo "scenario", quanto mais a sua significação, e por isso não podia reparar muito num Film. Mas embora não sabendo em que estava o erro, eu sentia alguma coisa errada no Film. Hoje sei que eram o "scenario" e a direcção que não estavam certos. O que mais me chamou a attenção, pela absoluta falta de direcção, foram aquellas scenas em que a mãe de João da Matta conversava com um dos interpretes. Talvez houvessem trechos peores... mas naquelle tempo o que mais reparei foi isso. Dos interpretes gostei do que fazia o villão. A photographia era soffrivel. No começo havia uma viragem, se não me engano azul, que me agradou. Gostei da hora em que a camara ia avançando por entre aquelles cafezaes verdejantes. Os letreiros eram illustrados. E interessante! — os que apresentavam os personagens traziam o retrato do respectivo artista! E o Film tinha, apezar de tudo, qualquer coisa que não sei o que era, e que talvez fosse o "aspecto caracteristico", que agradava...

D'*O descrente*", pouco, ou melhor, nada me ficou no cerebro.

De *Educar*, Film-reclame, gostei mais da viragem no trecho que mostrava a succursal do "Instituto Lafayette" em Petropolis. Não tinha tambem, como "João da Matta" e "O descrente", nem "scenario" nem direcção. Foi um dos primeiros Films educativos, quando ninguem acreditava nelles...

O Guarany só tinha o trabalho de Tacito de Souza. Tambem era só o trabalho. Photogenia... Mas emfim era mais docente do que todas aquellas barbas vassouras daquelle pessoal todo...

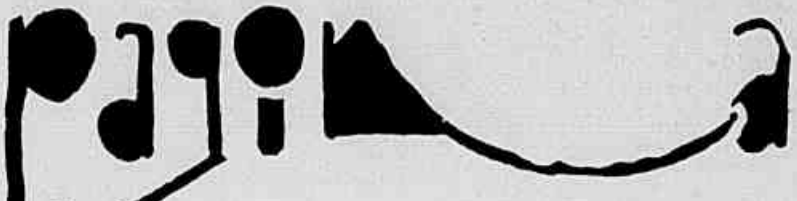
Braza Dormida... Não é só a lembrança do Film que me vem á mente. Passa tambem, pelo meu cerebro, a lembrança dos factos que o antecederam. A alegria que me deu o primeiro retrato de Luiz Sorôa publicado no "Cinearte", por constatar que era um galã photogenico, e a alegria que me deu, tambem, o ver que aquella bellezinha, a Tamar Moema, — que por signal quando sahiu a primeira photographia della no "Cinearte" ainda não havia arranjado nome Cinematographico — ia ser a heroina... Depois Luiz Sorôa e Tamar Moema foram á Cataguazes. O Film começou. Foi indo muito bem. Mas de repente o destino resolveu contrariar os planos bonitos daquella phalange de lutadores e veiu uma noticia que poz consternação em todos nós: Tamar adoecera e fôra prohibida, pelo medico, de continuar Filmando. Humberto foi ao Rio pedir á "Cinearte", que já lhe havia fornecido Tamar, para lhe arranjar outra artista que a substituisse. E arranjaram... Arranjaram uma pequena que tinha qualquer coisa de Norma Shearer: Nita Ney. E Humberto voltou com ella á Cataguazes. As scenas em que Tamar figurava foram refilmadas com Nita Ney. E o Film foi terminado. E foi mostrado ao Brasil, com successo. Chegou até Jacarehy. Eu, doido de alegria, fui vel-o. "Braza" tinha coisas boas ao lado de alguns defeitos. O elenco todo era photogenico. Até a barba do Fantol, que a gente via que era natural. Nita Ney, adoravel. Cortes Real, um velho correcto. Maximo Serrano e Rozendo Franco, naturalissimos. A continuidade no começo esteve boa, mas depois começou a mostrar certas coisas sem interesse para a historia. Bom o detalhe da carteira e, depois, o da caixa de phosphoros vazia, na mão de Sorôa. Na sequencia da luta Humberto não foi feliz. Quiz apresental-a com sub-entendimento e tornou pouco clara a morte de Fantol. E depois, tanta gente e aquelle pau enorme para abrir uma porta que ninguem fechara... linda a scena do violão. E a serenata, se fosse Filmada agora, apenas synchronisada, com o violino do Sorôa soluçando uma melodia amorosa e o violão do Maximo acompanhando...

José Gonçalves, de Santarém

Rodolpho, de Passa Vinte, (Minas)

Havia uma porção de gente que queria Filmar "A Escrava Isaura", o romance de Bernardo Guimarães. "A Metropole", com Marques Filho na direcção, queria. Francisco Madrigano tambem queria. E Francisco de Simoni, que já havia feito "O descrente", queria, tambem! Mas, finalmente, foi mesmo a Metropole que Filmou a historia da escrava que Alvaro amava e Leoncio desejava... Se houvesse uma continuidade perfeita e uma photographia moderna, artistica, a "Escrava" seria um optimo Film, porque a direcção não era má. Dos artistas gostei mais de Celso Montenegro e Emilio Dumas. Gostei tambem dos typos da sequencia do baile. E aquelle velho a lá Jack Duffy cujo "cavaignac" se agitava após a recusa da dama em bailar com elle, era um "numero"...

Acabaram-se os otarios despertou, em torno delle, pelo facto de ser o primeiro Film brasileiro falado e cantado, uma enorme curiosidade. Fui vel-o. "Scenario" não havia, e a direcção não era muito efficiente, mas a gente ria com Genesio e com algumas de suas aventuras.

S. Paulo, a symphonia da Metropole! Que Film bom! Era um Film natural, mas como tinha Cinema! Como era bem feito! Lustig e Kemeny impuzeram-se, com esse Film, á nossa admiração, como dois perfeitos conhecedores da Arte. Que photographia magnifica e que gosto artistico presidindo as collocações de machina!...

Mocidade inconsciente tinha Francisco Scolamiere, tinha Walkyria Moreira, tinha fala, cantos, musica. Tinha uma boa confecção, tambem. Havia defeitos, mas em geral era bom.

Piloto 13 tinha um prologo mostrando as actividades de S. Paulo que possuia um rythmo admiravel. E no final havia um symbolo magnifico: o aeroplano do Ubi, symbolizando a sua condição social...

O campeão de futebol. Que farra! Foi um Film gozado. Tinha uma porção de coisas boas: Genesio, Ottilia Amorim, Henny Cortes e a gravação...

O mysterio do dominó preto. Cléo... Rodolpho Mayer... Emilio Dumas... Agradava...

Coisas nossas... Sebastião Arruda declamando "As tres lagrimas"... Zézé Lara cantando "A tarde sertaneja", uma toada lindissima de Marcello Paranaguá... E Lustig e Kemeny confirmando a boa reputação ganha com a "Symphonia de S. Paulo"...

Lampeão. Era um Film pequeno. Mas para assistil-o era preciso *coragem!* Vi tambem mais 3 pequenos Films: *O amor não traz vantagens*, *Lua de mel* e *O transito*, e este ultimo era um serio rival de *Lampeão*...

E a Imaginação, agora que a sarabanda de lembranças já passou, começa a accionar o diffusor para um lento e artistico "jade out..."

Cely Nomara uma das mais constantes "fans" do Cinema Brasileiro, disse o seguinte:

"Ainda hoje falei com uma moça que viu "Mulher", e está encantada com o Celso Montenegro. Acha-o muito bonito; mas não lhe diga nada para que não lhe aconteça o mesmo que aconteceu a Narciso...

Soube que a Cinédia já se apparelhou para confeccionar Films falados, e isso é mais um passo para o successo, que não me poderia ter deixado indifferente. Assim, pois, ahi vão meus parabens.

Espero, no emtanto, que não farão Films 100% falados, como alguns americanos, que nos fazem pensar no tão conhecido rifão: — "O silencio é de ouro".

A eloquencia do Cinema não me parece que esteja na voz, mas exactamente no silencio. E como prova é sufficiente o Film de Carlito: "Luzes da cidade".

Films esplendidos, como "Sétimo Céo", "Mulher de Brio", e tantos outros, foram silenciosos, ao passo que o Cinema falado já nos deu Films de um ridiculo atroz, como "Amor de Zingaro", por exemplo, que a distincta platéa do Palacio Theatro, essa mesma platéa que se ri dos Films brasileiros, apreciou tanto, e que o Odeon, tempos depois, exhibiu em réprise.

Francamente, o que pensar desse publico que sabe do Cinema dizendo:

— "Não perca esse Film! E' optimo.

Imagine que até é colorido!... Disso eu fui testemunha, a respeito de "Amor de Zingaro", e si o não fosse, não o acreditaria. Entretanto, deixam passar em silencio, sem um applauso, certos detalhes de Films brasileiros, que revelam, ás vezes, um cerebro culto na direcção, e isso provavelmente, porque esses detalhes... não são coloridos...

O que me consola, no entanto, é que já vão affluindo aos Cinemas que exhibem Films brasileiros, e que o progresso cada vez

(*Termina no fim do numero*)

Moacyr Pinheiro, do Rio.

Emmanuel, do Pará.

M. Ludovico, de Pelotas.

MANDAMENTOS ESQUECIDOS

(FORGOTTEN COMMANDMENTS)

FILM DA PARAMOUNT

Anya Sorin . . . . *Sari Maritza*
Paul Ossip . . . . *Gene Raymond*
Marya Ossip . . . . *Marguerite Churchill*
Prof. Marinoff . . . . *Irving Pichel.*

Paul Ossip e sua esposa Marya, casalzinho que ainda está no sabor da lua de mel, deixam a sua aldêa natal, a caminho da capital russa, afim de se matricularem na Universidade, onde sob a direcção do famoso cirurgião Professor Marinoff, elle estudará medicina e Marya, auxilio social.

Chegados a capital e já installados num dos appartamentos da Universidade, vae Ossip fazer uma visita ao mestre Marinoff.

Antes Paul não tivesse nunca tido o desejo de deixar a sua cidadezinha para vir estudar na Universidade...

Em vez de ter a sua attenção dedicada aos livros e ás aulas, o destino lhe reservára uma aventura desagradavel nos olhos perigosos e differentes de uma mulher: a mais recente "Greta Garbo" chegada aos Estados Unidos, nossa já muito bemvinda "Dona Sari Naritza"... "welcome", principalmente porque fala um pouco esta nossa lingua "desconhecida"...

E' durante a visita ao seu professor que Paul tem occasião de verificar o quanto fascinante é aquella occasião que estava no gabinete de Marinoff e que é apresentada ao rapaz como a "auxiliar" do scientista, mas que na realidade, não passava de sua amante...

"Lover" identica a de Emil Jannings em tods os seus Films...

Em pouco Paul e Anya estão amiguinhos inseparaveis, embora isso exija do joven estudante muita cautela, compensada, por outro lado, na tranquilidade no que diz respeito a pessoa da esposa, a sua Marya, confiante e "boasinha" como todas as Marias do mundo...

Durante uma conversação entre o mestre e o discipulo, sustenta o Professor, sahindo do campo da sciencia medica e entrando no da philosophia..., que a moral conforme a observa a generalidade das pessoas, para elle Marinoff é uma cousa morta... Outros são os principios que regem e inspiram a sua conducta de homem moderno, emancipado de antiquados preconceitos...

Assim, diz elle, "não ha inconveniencia alguma, no facto da sua auxiliar Anya, ser tambem a sua amante..."

Anya que estava presente á discussão, acha muita graça na theoria de Marinoff, mas o estudante é que não esboça o menor vislumbre de sorriso... e, serio, retira-se dali meio desconfiado...

Anya o tranquilisa, depois e com isso Paul vê dissipado o seu receio de lhe acontecer o mesmo que aconteceu ao outro Paul, naquelle dia em que não houve "nada de novo, no front"...

Dias depois, por occasião de uma distribuição de roupas e mantimentos ás creanças pobres, estando presentes Ossip, a esposa e Anya, acontece apparecer ali um missionario que começa a pregar o Evangelho.

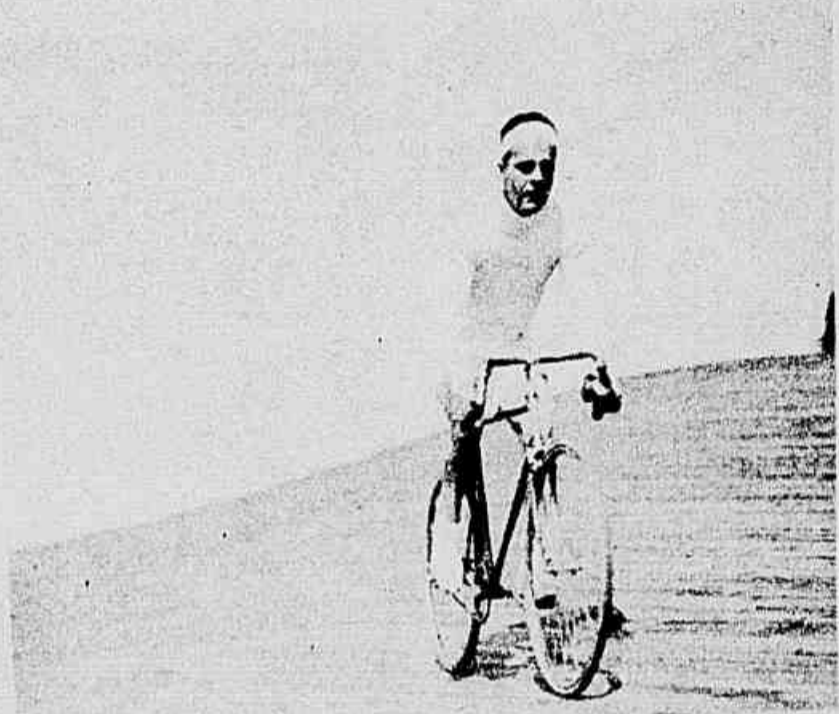
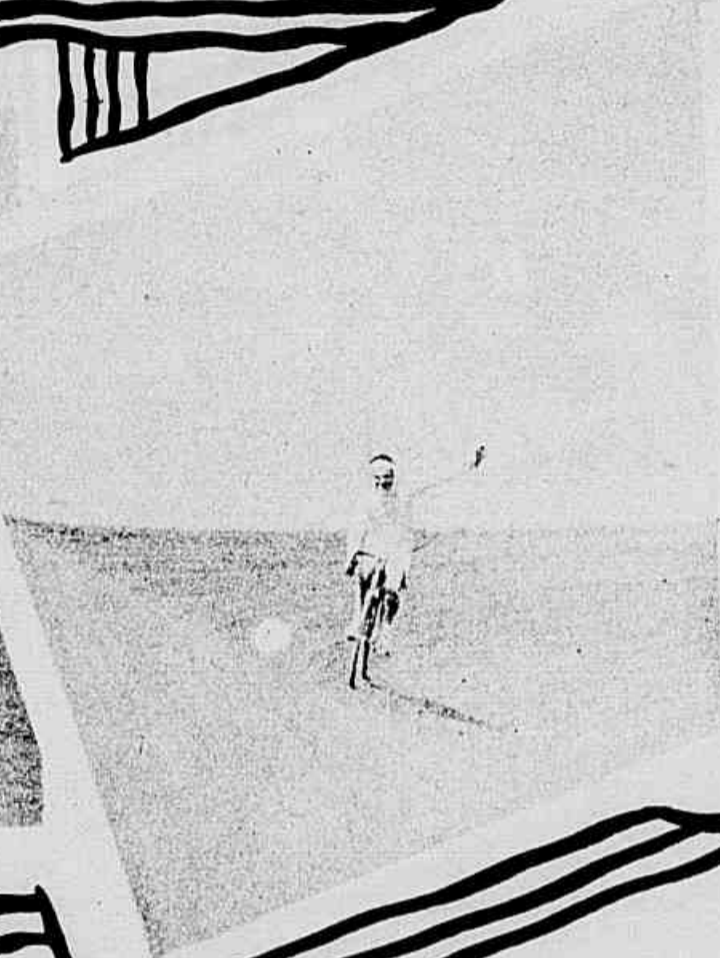
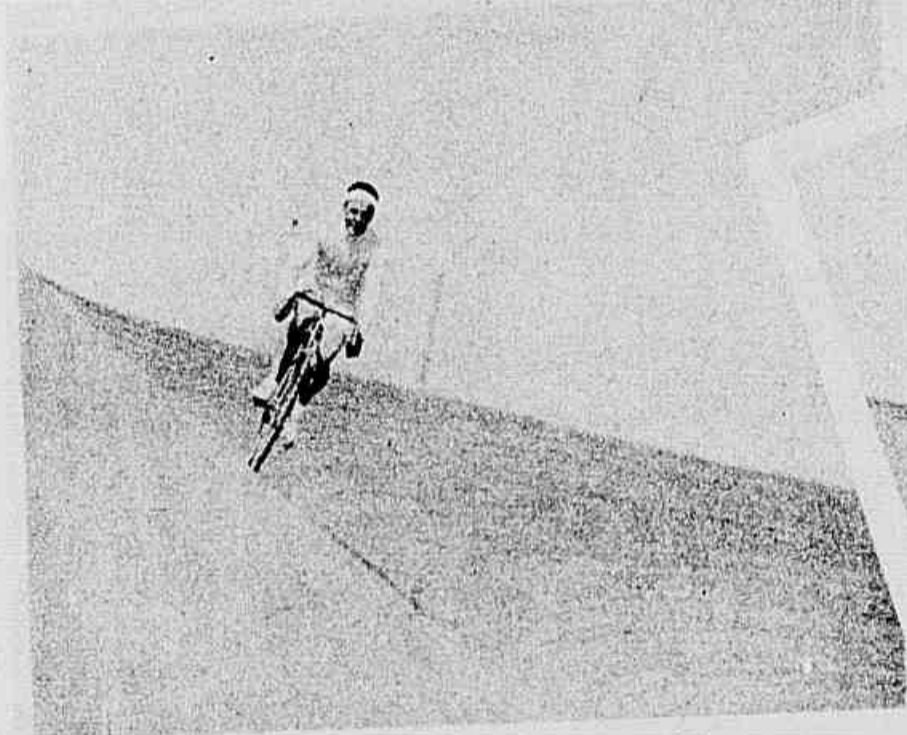
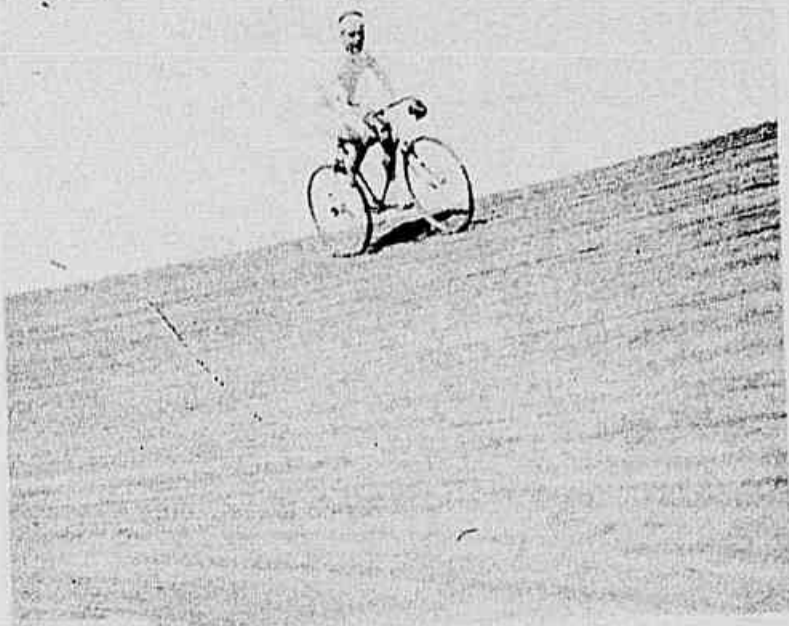
Anya exaspera-se com aquillo e intima o sacerdote a parar com a prédica, pois estava estorvando a distribuição dos mantimentos. Está claro que o padre não dá ouvidos á intimação daquella mulher, o que a obriga a telephonar ao Professor Marinoff, que chega depois com a policia e effectuam a prisão do missionario (não se admirem, porque a historia se passa na Russia Vermelha...)

Mais tarde, inquietando-se com a demora do marido para o jantar, Marya lhe telephona e só então vem a descobrir a sua infidelidade, encontrando-o, instantes depois, num "explosivo" colloquio amoroso com Anya...

Por sua vez Marinoff tambem andava á procura de Ossip e chegando á casa do estudante, encontra a esposa delle fóra de si, indignada e ella lhe conta tudo o que se estava passando com o marido e Anya.

Dissimulando sua raiva, o cirurgião, despede-se de Marya e armando-se vae surprehender os amantes, descarregando o revólver sobre os mesmos... Horas depois Marya apparece no gabinete do Professor, supplicando-lhe que vá salvar a vida do marido. Anya e Ossip haviam escapado das balas por elle descarregadas, mas haviam sido feridos gravemente, por um desconhecido, momentos depois!

Contrariado embora, Marinoff consente em operar o seu discipulo e consegue salval-o.

Assim Marya e Ossip chegam á reconciliação, mas nós é que não podemos levar á serio nada disso tudo que escrevemos acima...

Neil Hamilton

Sabiam que elle é o rei do p e d a l em Hollywood ?

Mas a sua fama anda de aereoplano...

Karen Morley é assim?

(FIM)

Karen Morley tem cousas interessantissimas para serem observadas. Ella é curiosa. Quando conseguiu o papel importante que teve em *Scarface — A Vergonha de uma Nação*, todo mundo querendo e supplicando esse papel, a fleugma com que ella recebeu a noticia de ter sido escolhida foi uma cousa notavel e nada fingida. Ella não se deteve um só momento e, firme, continuou na praia, em companhia de Kent Douglas, com quem estava aquella tarde, como se aquillo fôsse a cousa mais commum do mundo e nem siquer merecesse um segundo de reflexão.

Não nos devemos admirar, portanto, de todos a terem como "a unica que não teve medo de Greta Garbo". Conhecer Greta Garbo, trabalhar com ella, tem sido emoção até para "astros" celebres e antigos como Ramon Novarro, por exemplo. Para Karen Morley foi uma cousa absolutamente sem importancia, tão sem importancia quanto conhecer o porteiro do Studio. Ella acha, no emtanto, particularmente, que Greta Garbo é uma das creaturas mais esplendidas que já conheceu em toda sua vida e, como artista, admira-a profundamente. A mesma cousa deu-se com ella quando trabalhou ao lado de John Barrymore em *Arsene Lupin*, como sua heroina. Mas para ella John é grande artista, um artista competente, apenas. Mas nada para deixal-a nervosa e nem afflicta.

— Sei que todo mundo espera que alguem que trabalhe num *lot* de nomes como os de Norma Shearer, Joan Crawford e Greta Garbo, viva afflicta e emocionada. Mas eu não vejo razão alguma para tanta admiração, tanto mais que sou tanto humana e mulher quanto ellas o são. Admira-se ao prodigioso e ao fóra do commum. E ellas se fossem prodigiosas ou fóra do commum estariam num convento ou num altar. Nunca num Studio. Como artista admiro-as muito. Mas é preciso admirar uma gransa de artista com os nervos em polvorosa e a bocca aberta? Fria é que todos acham que sou. Exteriormente é possivel. Internamente é que ninguem sabe...

Quanto a estimam e admiram no Studio ao qual pertence, basta, para saber, a narrativa de um facto que se deu com Ann Dvorak e que ella contou um dia a um reporter. Ia ella Ann tirar um *test* para um determindado papel. Levaram-na para assistir ao mesmo *test* representado por Karen Morley e lhe disseram.

— Mostramos-lhe esta representação, para que por ella se guie e reviu representando.

Outra cousa interessante que com ella succede, é o modo pelo qual ella recebe a serie infindavel de conselhos que a todo momento lhe estão dando. Aconselham-na a dar voltas nos caracóes do cabello. A cortal-os. A deixal-os crescer. A engordar. A emmagrecer. Em summa: — a tudo! E ella recebe a todos com o mesmo modo, o mesmo riso, a mesma attitude e a mesma resposta. Confunde-os sem os magoar e ensina-lhes o que ignoram em materia de não cacetear o proximo...

Quanto a cousas della mesma, assim exprime-se ella.

— Acho que sou preguiçosa. Gosto do estimulo de uma festa bem sacudida. Não vou, parte por preguiça e parte por não querer frequentar festas frequentadas por gente de Cinema. Isto, porque eu recusarei trabalhar com quem quer seja que eu veja numa festa em attitude menos conveniente e não vendo ninguem de Cinema assim, não saberei de nada e dessa fórma trabalho com quem me mandarem trabalhar.

Seu salario é pequenino, mas ella não o reclama e nem diz nada a respeito do mesmo, porque tem plena convicção de que o mesmo será erguido assim que seja possivel e opportuno. Não é ambiciosa e quer ser rica. Diz detestar a pobreza e não querer a ella voltar.

Quanto a questões de coração, affirmam, muitos, que ella e o director Charles Vidor, um elemento novo no Studio da M G M, estão num grande namoro que certamente terminará em casamento. Mas ninguem sabe ao certo, porque de seu intimo Karen Morley conta muito pouco.

Ella gosta de nadar, ler, montar a cavallo e assistir peças theatraes. Não gosta de joias e nem de enfeites. Tampouco de bugigangas inuteis que acha perfeitamente dispensaveis.

Seu primeiro nome, do nome que usa em Cinema, foi tirado de um livro de Martha Ostenso. Seu sobrenome, derivado do nome do celebre novellista e poeta Christopher Morley.

Karen Morley é assim?

O "Gloria", de Recife, installou equipamento Cinema falado.

+ + +

Acaba de ser installado, com séde em Bello Horizonte, á Avenida Affonso Penna 744, uma empresa Cinematographica para a distribuição de Films sob denominação de Empresa Distribuição de Films sob de Luxo, E. D. P. L., propriedade da firma Renato de Almeida & C., constituida pelos Srs. Renato de Almeida, conhecido Cinematographista, ex-superintendente da Paramount em Minas por onze annos seguidos, de onde agora sahe para dirigir negocios seus e o Sr. A. Pardine, importante negociante e capitalista residente na linda capital mineira.

A nova empresa installará agencias em Juiz de Fóra e outras cidades e será a concessionaria em todo o Estado, da Warner Bros, First National e Vital R. de Castro.

+ + +

No Pará, o Cinema "Independencia" contractou os Films da Universal.

+ + +

Escreve-nos um leitor: — "*Cinearte* de 5 de Outubro transcreve uma carta de um leitor de Santarém (Pará), fazendo publico as condições precarias da programmação nesta cidade. Pois bem, o que dirão os de Manáos? O mesmo, e ainda mais com justa indignação. Linda cidade como é, pequena, terra de um povo pacato, communicativo e por excellencia hospitaleiro, desconhece o Cinema falado, e todos os Films são mudos e na mór parte antigos!

Tive bastante occasião de verificar a verdade. Programmação de Agosto e Setembro: "Fogo de amôr" de Liane Hard; "O rei cowboy" de Tom Mix; "O roubo do Banco Industrial" de Lil Dagover e Ivan Mojuskin; "O culpado" de Willy Tritsch; "Inferno das Virgens" de Elza la Porta; "A Gata Borralheira" de Mady Christians, e ultimamente isto é, fins de Setembro: — "Madona da Avenida" e "A Excursão do Vasco da Gama". Como vê, é bastante irrisorio a Capital de um Estado, sem um Cinema falado, e exhibindo Films dos tempos *ante-diluvianos!* Ser o melhor Cinema, o "Polytheama"! Lembra-se, caro Operador, do nosso antigo "High Life", hoje o esplendido "Guanabara" ahi em Botafogo? Ao "Polytheama" de Manáos, o "High Life" daquelles tempos, de "O Homem de Aço" etc...; nada ficaria devendo. Portanto, como não é justo, Santarém se vêr privada de proporcionar aos seus filhos o prazer de apreciarem Clark Glabe, beijar Norma Shearer, Mata-Hari ser fusilada, Charles beijar Janet, e outras scenas interessantes que nos tem proporcionado o bom Cinema, inclusive as dos "gangsters"; com mais razão ainda Manáos..."

+ + +

Relação dos Films censurados pela Commissão de Censura, de 7 a 19 — 11 — 1932:

METROTONE NEWS N.° 155 (Jornal) — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certificado n.° 488. — Approvado.

TEUS OLHOS NÃO NEGAM (Desenho animado) — Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n.° 489. — Approvado.

BOMBEIRO TURUNA (Desenho animado) — Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n.° 490. — Approvado.

NA LINHA DO DEVER (Radio Pictures U. S. A.) — Certif. n.° 491. — Approvado.

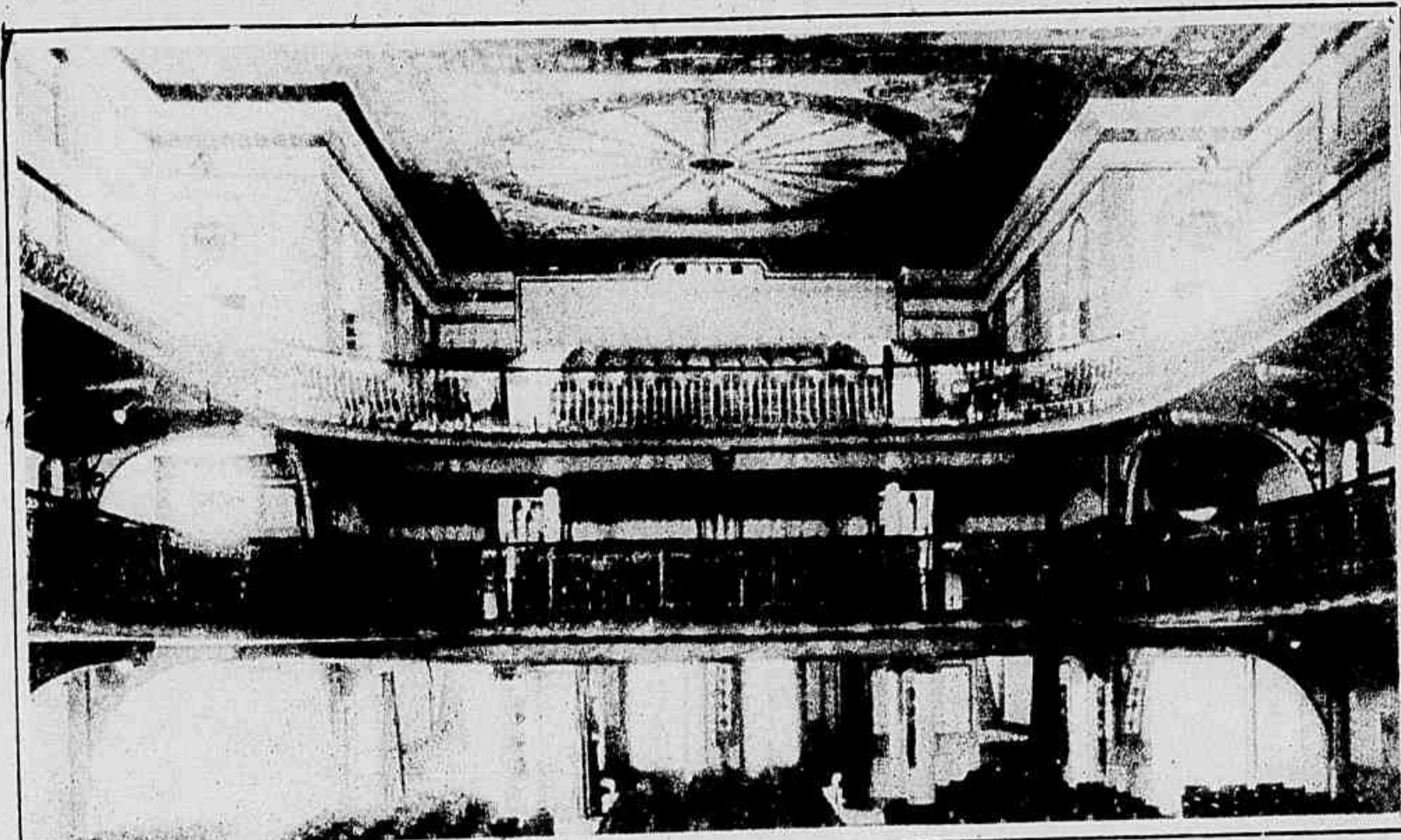
PARADA TRIUMPHAL (Desenho animado) — Vitaphone Varieties U. S. A. — Certif. n.° 492. — Approvado.

NEGOCIOS A' PARTE (Drama) — Warner Bros U. S. A. — Certif. n.° 493. — Improprio para menores e senhorinhas. — Approvado.

ALMAS DE ARRANHA-CÉOS (Trailer) — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 494. — Approvado.

DIXIANA (Trailer) — Radio Pictures U. S. A. — Certif. 495. — Approvado.

DIXIANA (Trailer) — Radio Pictures U. S. A. — Certif. n.° 496. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO N.° 16-33 (Jornal) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 498. — Approvado.

Fachada e interior do Capitolio de Pelotas.

A VOZ DO MUNDO N.° 17-33 (Jornal) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 498. — Approvado.

A CONFERENCIA DO DESARMAMENTO (Desenho animado) — Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n.° 499. — Approvado.

CANNIBAES (Desenho animado) — Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n.° 500. — Approvado.

A MULHER QUE AMOU (Columbia Pictures U. S. A.) — Certif. n.° 501. — Improprio para menores. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO N.° 20-33 (Jornal) Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 514. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO n.° 21-33 (Jornal) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 515. — Approvado.

RECONQUISTADA (Radio Pictures RKO) — U. S. A. — Certif. n.° 516. — Approvado.

IDADE ESCOLAR (Desenho animado) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 517. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO N.° 24-33 (Jornal) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 518. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO N.° 25-33 (Jornal) Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n. 519. — Approvado.

Cinemas e Cinematographistas

ECLAIR JOURNAL (Eclair) — Certif. n. 502. — Approvado.

POLO NORTE (Desenho animado) — Columbia Pictures U. S. A.) — Certif. n.° 503. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO N. 19-33 (Jornal) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 504. — Approvado.

A VOZ DO MUNDO N.° 18-33 (Jornal) — Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 505. — Approvado.

PAPAE AMADOR (Trailer) Fox Film Corporation U. S. A. — Certif. n.° 506. — Approvado.

A MALFEITORA BENIGNA (Columbia Pictures U. S. A. — Certif. n.° 507. — Improprio para creanças. — Approvado.

METROTONE NEWS N.° 156 (Jornal) — Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 508. — Film educativo.

ALMAS DE ARRANHA-CÉOS (Metro Goldwyn Mayer U. S. A.) — Certif. n.° 509. — Improprio para menores. — Approvado.

COMPROMETTIDA (Radio Pictures U. S. A.) — Certif. n.° 510. Approvado.

RIO FILM SONORO (Valls & Cia. Rio de Janeiro) — Certif. n.° 511. — Approvado.

PAPAE AMADOR (Drama) Fox Film Corporation U. S. A. — Certif. n.° 512. — Approvado.

FOX JORNAL MOVIETONE N.° 4 x 44 (Jornal) — Fox Film Corporation U. S. A. — Certif. n.° 513. — Approvado.

RICA E BONITA (Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 520. — Approvado.

HOMEM DE PESO (Drama) Paramount Publix Corporation U. S. A. — Certif. n.° 521.. — Approvado.

CASAR E' ASSIM (Trailer) Fox Film Corporation U. S. A. — Certificado n.° 522. — Approvado.

DIFFAMADA (Trailer) Metro Goldwyn Mayer U. S. A. — Certif. n.° 523. — Improprio para menores. Approvado.

CASAR E' ASSIM (Drama) Fox Film Corporation U. S. A. — Certif. n.° 524. — Approvado. — Approvado.

JORNAL UNIVERSAL N.° 78 (Universal Pictures Corporation U. S. A. — Certif. n.° 525. — Approvado.

CHURRASCO NO DERBY CLUB (Botelho Film-Rio de Janeiro) — Certif. n.° 526. — Approvado.

PARECE INCRIVEL N.° 12 (Vitaphone Pictures U. S. A.) — n.° 527. — Approvado.

GENTE ESPERTA (Trailer) — Warner Bros U. S. A. — Certif. n.° 528. Approvado.

DISRAELI (Trailer) Warner Bros Pictures U. S. A. - Certif. n.° 529. — Film educativo.

Cinema Educativo

(FIM)

Ha pouco, porém, ainda feito; refiro-me ao Cinema como auxiliar de exposição, durante as aulas...

Neste caso, é claro, de duas uma: ou o professor realiza uma pequena palestra, e se projecta o Film em seguida, ou então, faz a sua prelecção habitual, que é illustrada por diapositivos, previamente escolhidos.

Mas, quanto aos Films, já lhe fiz notar as difficuldades com que lutamos. Ha uma lição Zoologia, por exemplo. Queremos um Film sobre mammiferos, aves, reptis, etc. Não existem no mercado. Não se encontram. E desistimos.

Quanto aos diapositivos, as collecções que possuimos são sufficientes por ora. Com o tempo, havemos de melhoral-as. Roma e Pavia... E tudo isto leva tanto tempo a erguer, a montar, a afinar...

Se nada mais tornasse o Sr. Luciano Alves credor da nossa estima e admiração, só o facto delle pôr, em Portugal, as imagens luminosas ao serviço do ensino bastaria.

Segredos de Hollywood

Chá ou café (gelados ou quentes, indifferentemente).

Quando trabalhando, Sydney tomava, durante o dia, uma chicara de caldo pouco gorduroso ou então leite. Quando não em trabalho, era isso substituido por um somo de uma hora ou pouco mais.

JANTAR (Após descanso e uma ligeira massagem de relaxamento para os nervos). Chicara de *consommé*. Talos de aipo hortense. Tres vegetaes verdes bem cozidos.

Conseguido o peso almejado, Sydney mudou sua diéta para esta que se segue e que a fez manter seu corpo sempre uniforme.

ALMOÇO — Logo ao se levantar, um copo com summo de laranjas com algumas gottas de limão. Exercicios e banho. Frutas cozidas. Torrada de pão de trigo. Café.

LUNCH — Queijo frito. Torradas de pão de trigo. Saladas de frutas. Chá fraco (Sem creme e com pouco assucar).

JANTAR — Sôpa. Pouca carne. Tres vegetaes verdes. Salada. Pouca sobremesa. Café preto.

(*Continúa*)

Pagina dos leitores

(F I M)

maior dos mesmos, ha de acabar por triumphar de toda essa má vontade, que assim só terá servido para realçar ainda mais a tenacidade e o patriotismo dos que contra ella lutaram..."

Ramon está cançado?

(Continuação)

Hoje elle é o "astro" mais culto do Cinema. Com o auxilio de Deus e de um publicista habil, galgou elle a mais alta posição possivel para a sua carreira. O desejado vencimento de mil *dollars* subiu a dez vezes mais e mesmo mais um pouco ainda, talvez.

Revi, em rapidos lances, todo o passado de Ramon, na esperança de agora poder mais claramente analysar seu presente e seu futuro. Hoje tem-se a impressão de que elle está um pouco fatigado com o seu successo profissinal. Além disso, como explicarmos o facto de terem sido seus ultimos e fracos Films a decima parte do que elle realmente nos póde dar?

Depois da victoria e realização definitiva do Cinema falado, Ramon fez oito Films: — *O Pagão, O Bem Amado, Céo de Amores, Sevilha de Meus Amores, Alvorada, O Filho do Oriente, Mata Hari* e *Huddle*. Apenas a metade deste total representa realmente successo pessoal seu merecido: — *O Pagão*, o *Bem Amado, Sevilha de Meus Amores* e *O Filho do Oriente* e *Huddle*, o ultimo, é bem fraco para Ramon e nada adiantará ao seu prestigio profissional.

Quanto a *Mata Hari*, sou dos que não só não gostaram do seu trabalho, como, ainda, dos que acham que elle nunca devia ter accedido em fazer tal papel. Nem em interesse e muito menos em qualidade tem esse papel merecimentos. O facto delle não ter sido camarada de seus *fans* que tanto gostam de ouvir sua linda voz, pouco é ao lado disso.

Quatro bons papeis contra quatro mediocridades. Não é bôa a média. Não é isso, ainda, que nós esperamos de Ramon e temos o direito de esperar.

Onde está o espirito de luta que o fez notavel aos olhos de Ingram? Onde está a vontade de ferro que ganhou para elle o papel de *Ben Hur?* E a energia e persistencia que sempre o levaram a vencer todos os seus rivaes? Onde a consciencia artistica que o fez re-escrever todo o scenario de *O Pagão*, depois de prompto, por achar fraco o original? E' *Huddle* a resposta? Devemos crer e esperar que não.

A impressão que se tem é de que elle esteja muito cansado para lutar pelo que delle esperam os seus *fans*. O gladiador mexicano já está na arena ha muito mais tempo do que qualquer outro "astro" de fama equivalente. Quatorze annos de lutas, planos, realizações, obstaculos e contrariedades. Tudo isso parece ter acovardado o seu enthusiasmo. Esgotamento nervoso revela-se no seu comer apressado e nas suas constantes insomnias.

(Conclue no proximo numero)

CHASSÉ-CROISÉ

(Diamant-Berger)

Por H. Diamant Berger.
Decorações de Lauer.
Musica de Jean Lenoir.
Photographia de Desfassiaux e Gondois.
Direcção de D. B. Maurice.
Interpretação de Blanche Montel, Armand Bernard, Escande, Marcel Vallée, Germaine Sablon, Stacquet, Scott, Mme Mathis.

Comedia cheia de quiproquos bastante maliciosos, cuja acção se desenrola em um hotel da Côte d'Azur, entre personagens modernas e vigaristas.

O Film foi feito para rir, porém, este effeito só o tira o artista Armand Bernard.

A parte technica pouco recommenda o Film. Photographia muito clara. A musica é agradavel, porém a letra das canções, deixam a desejar. O som é bom.

Blanche Montel, sempre graciosa e cheia de encantos, embora deslocada. Armand Bernard salva um papel inexpressivo. Escande destaca-se com o seu papel.

Cinearte
REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS
Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 36$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood,
GILBERTO SOUTO.

Cinema Educativo

(FIM)

Ha pouco, porém, ainda feito; refiro-me ao Cinema como auxiliar de exposição, durante as aulas...

Neste caso, é claro, de duas uma: ou o professor realiza uma pequena palestra, e se projecta o Film em seguida, ou então, faz a sua prelecção habitual, que é illustrada por diapositivos, previamente escolhidos.

Mas, quanto aos Films, já lhe fiz notar as difficuldades com que lutamos. Ha uma lição Zoologia, por exemplo. Queremos um Film sobre mammiferos, aves, reptis, etc. Não existem no mercado. Não se encontram. E desistimos.

Quanto aos diapositivos, as collecções que possuimos são sufficientes por ora. Com o tempo, havemos de melhoral-as. Roma e Pavia... E tudo isto leva tanto tempo a erguer, a montar, a afinar...

Se nada mais tornasse o Sr. Luciano Alves credor da nossa estima e admiração, só o facto delle pôr, em Portugal, as imagens luminosas ao serviço do ensino bastaria.

Segredos de Hollywood

Chá ou café (gelados ou quentes, indifferentemente).

Quando trabalhando, Sydney tomava, durante o dia, uma chicara de caldo pouco gorduroso ou então leite. Quando não em trabalho, era isso substituido por um somno de uma hora ou pouco mais.

JANTAR (Após descanso e uma ligeira massagem de relaxamento para os nervos). Chicara de *consommé*. Talos de aipo hortense. Tres vegetaes verdes bem cozidos.

Conseguido o peso almejado, Sydney mudou sua diéta para esta que se segue e que a fez manter seu corpo sempre uniforme.

ALMOÇO — Logo ao se levantar, um copo com summo de laranjas com algumas gottas de limão. Exercicios e banho. Frutas cozidas. Torrada de pão de trigo. Café.

LUNCH — Queijo frito. Torradas de pão de trigo. Saladas de frutas. Chá fraco (Sem creme e com pouco assucar).

JANTAR — Sôpa. Pouca carne. Tres vegetaes verdes. Salada. Pouca sobremesa. Café preto.

(*Continúa*)

Pagina dos leitores

(FIM)

maior dos mesmos, ha de acabar por triumphar de toda essa má vontade, que assim só terá servido para realçar ainda mais a tenacidade e o patriotismo dos que contra ella lutaram..."

Ramon está cançado?

(Continuação)

Hoje elle é o "astro" mais culto do Cinema. Com o auxilio de Deus e de um publicista habil, galgou elle a mais alta posição possivel para a sua carreira. O desejado vencimento de mil *dollars* subiu a dez vezes mais e mesmo mais um pouco ainda, talvez.

Revi, em rapidos lances, todo o passado de Ramon, na esperança de agora poder mais claramente analysar seu presente e seu futuro. Hoje tem-se a impressão de que elle está um pouco fatigado com o seu successo profissinal. Além disso, como explicarmos o facto de terem sido seus ultimos e fracos Films a decima parte do que elle realmente nos póde dar?

Depois da victoria e realização definitiva do Cinema falado, Ramon fez oito Films: — *O Pagão, O Bem Amado, Céo de Amores, Sevilha de Meus Amores, Alvorada, O Filho do Oriente, Mata Hari* e *Huddle*. Apenas a metade deste total representa realmente successo pessoal seu merecido: — *O Pagão*, o *Bem Amado, Sevilha de Meus Amores* e *O Filho do Oriente* e *Huddle*, o ultimo, é bem fraco para Ramon e nada adiantará ao seu prestigio profissional.

Quanto a *Mata Hari*, sou dos que não só não gostaram do seu trabalho, como, ainda, dos que acham que elle nunca devia ter accedido em fazer tal papel. Nem em interesse e muito menos em qualidade tem esse papel merecimentos. O facto delle não ter sido camarada de seus *fans* que tanto gostam de ouvir sua linda voz, pouco é ao lado disso.

Quatro bons papeis contra quatro mediocridades. Não é bôa a média. Não é isso, ainda, que nós esperamos de Ramon e temos o direito de esperar.

Onde está o espirito de luta que o fez notavel aos olhos de Ingram? Onde está a vontade de ferro que ganhou para elle o papel de *Ben Hur?* E a energia e persistencia que sempre o levaram a vencer todos os seus rivaes? Onde a consciencia artistica que o fez re-escrever todo o scenario de *O Pagão*, depois de prompto, por achar fraco o original? E' *Huddle* a resposta? Devemos crer e esperar que não.

A impressão que se tem é de que elle esteja muito cansado para lutar pelo que delle esperam os seus *fans*. O gladiador mexicano já está na arena ha muito mais tempo do que qualquer outro "astro" de fama equivalente. Quatorze annos de lutas, planos, realizações, obstaculos e contrariedades. Tudo isso parece ter acovardado o seu enthusiasmo. Esgotamento nervoso revela-se no seu comer apressado e nas suas constantes insomnias.

(Conclue no proximo numero)

CHASSÉ-CROISÉ

(Diamant-Berger)

Por H. Diamant Berger.
Decorações de Lauer.
Musica de Jean Lenoir.
Photographia de Desfassiaux e Gondois.

Direcção de D. B. Maurice.

Interpretação de Blanche Montel, Armand Bernard, Escande, Marcel Vallée, Germaine Sablon, Stacquet, Scott, Mme Mathis.

Comedia cheia de quiproquos bastante maliciosos, cuja acção se desenrola em um hotel da Côte d'Azur, entre personagens modernas e vigaristas.

O Film foi feito para rir, porém, este effeito só o tira o artista Armand Bernard.

A parte technica pouco recommenda o Film. Photographia muito clara. A musica é agradavel, porém a letra das canções, deixam a desejar. O som é bom.

Blanche Montel, sempre graciosa e cheia de encantos, embora deslocada. Armand Bernard salva um papel inexpressivo. Escande destaca-se com o seu papel.

Cinearte

REVISTA CINEMATOGRAPHICA

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

Brasil: 1 anno, 70$000; 6 mezes, 36$000. — (Registradas) 1 anno 85$000 6 mezes 43$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Rua Sachet n.° 34 — Telephones: Gerencia: 3.4422 — Redacção: 2-8073 — Rio de Janeiro.

EM S. PAULO
Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti. — Rua Senador Feijó n. 27 — 8° andar — Salas 86 e 87 — S. Paulo

Representante em Hollywood.
GILBERTO SOUTO.

O que eu sei de Ann Dvorak

(*Conclusão*)

romance diante della, prompta para fazel-a feliz.

Quando Ann chegou aos seis, fui contractada para uma série de espectaculos em torno do paiz e como meu marido não podia cuidar do escriptorio e de minha filha, ao mesmo tempo, resolvi internal-a provisoriamente no convento de Santa Catharina. Para isso, pela primeira vez pensei em illudil-a, mentindo. Leval-a-ia com geito e a deixaria com uma irmã contando-lhe uma historia das que ella gostava e me sumiria. Mas não pude realizar o plano...

Eu esqueci-me da pequena que ella era e quando chegavamos aos ultimos degráos da escada, justamente quando eu ia dar inicio ao meu plano, estendeu-me elle a mãozinha e me disse: "Mamãe, adeus!" Senti-me envergonhada, confesso. Achei que não fôra leal o meu plano. E ella, sem chorar e sem siquer verter uma lagrima, mais forte do que eu, olhando-me com sinceridade, fez-me arrepender amargamente daquillo que eu preconcebera e nem chegára a executar. Agarrei-a em meus braços e abraçamo-nos longamente. Depois eu lhe disse que a voltaria a ter a meu lado logo que terminasse minha viagem que afinal não seria tão longa assim. Ella olhou meus olhos longamente e me disse, depois: — "Esta bem". Tornou a abraçar-me e subiu o resto das escadas ella sózinha, sendo lá em cima recebida pela freira que já a aguardava.

Ann quiz logo bem ao convento e ás irmãs. Apesar della não ser catholica, como tambem eu não sou, tudo ali enfeitiçou-a extraordinariamente, pela magnificencia e pelo socego. Varias vezes, quando a visitei depois disso, dizia-me ella que talvez acabasse sendo freira. As irmãs contaram-me que ella passava horas e horas na mais profunda oração. Achei que ella, joven como era, estava sendo excessivamente religiosa. Julguei que já era tempo della ter contactos mais directos com o mundo lá de fóra, tão diverso desse que ella ali conhecia. Tirei-a do convento.

De volta de minha *tournée*, arranjei tempo para tel-a no collegio Clark para meninas. Aos sabbados eu a levava commigo a um grande hotel ou á um bom restaurante. Ella tinha uma educação invejavel e absolutamente não procedia como uma pequena de apenas sete annos. Tudo a interessava, ao redor della, principalmente os vestidos das senhoras que em torno della andassem ou passassem. Uma vez, quando faziamos o Central Park, juntas, depois de um vasto passeio de automovel, abraçou-me ella intensamente e me disse, amorosa: — "Mamãe, quanto nos divertimos juntas, não acha admiravel"?

Ann sempre foi extremamente amorosa para com meus parentes estrangeiros. Particularmente minha mãe ella adorava como se fosse alguem de um outro mundo. Achava ella impossivel vir alguem da Europa em um navio! Tudo aquillo era phantastico para ella e era assim que encarava sua avó. Pelo nosso nome de familia, então, tinha verdadeira admiração e fascinação, tanto assim que o escolheu para nome de guerra, na arte.

Estando no collegio, foi lá que despertou pela primeira vez o seu desejo de ser uma artista de Cinema. Tinha ella tempo e, além disso, no collegio não punham objecção alguma.

Conseguiu ella fazer um pequenino papel num Film, toda mal vestidinha e rota, ao passo que eu, noutro Studio, tambem trabalhava. Esse papel seu foi em *The Five Dollar Plate*. E sempre que não a precisavam no *set*, por estarem Filmando outros, tinha ella a attenção tomada pelos outros movimentos do Studio que verdadeiramente a fascinavam. Terminado esse Film, terminou a sua carreira de artista infantil. Ella desilludiu-se tanto com este primeiro golpe que, mais tarde, tendo ella nove annos, fui eu contractada por Thomas Ince e precisei partir para a California. Ficou ella em companhia de minha mãe e disse que não iria nem siquer me visitar... Mas eu não consegui voltar e precisei telegraphar-lhe que me fosse lá encontrar.

Mandei dinheiro, dei instrucções a Mamãe para que a mandasse recommendada ao chefe do trem e, cinco dias depois fui esperal-a á chegada em Los Angeles. A pequena que cahiu em meus braços, era quasi irreconhecivel, de tão suja que estava. O dinheiro que eu tinha mandado tinha sido totalmente gasto em bugigangas pela viagem e ella, aventureira como só ella, fizera toda a sorte de malandragens possiveis durante a viagem toda. Quiz ralhar. Mas ella exclamou, olhando-me, de maneira tão engraçada um "foi esplendido!" que eu não resisti e tambem ri.

Ella se enthusiasmou muito mais pela sua carreira do que eu mesma. "Algum dia", prophetisou ella, "ainda serei uma grande artista de Cinema". Olhei-a. Crescia a olhos vistos e era magrinha e desageitada. Seu rosto era curioso, mas não podia nem eu achar que fosse bonito. Era muito pouco elegante. Ha meninas de nove annos que promettem qualquer cousa no modo pelo qual usam seus vestidos. Ann não promettia cousa alguma.

Pouco tempo depois, conseguia ella um papel num Film, recebendo, pelo mesmo, 150 dollars e conseguido por ella mesma. Foi mais um Film que ficou sendo o seu "ultimo" por alguns annos, mas nem assim ella deixou de adorar a carreira diante da qual propriamente sempre esteve.

Depois de completar um anno de Hollywood e ter feito a série de meus Films, ultimo dos quaes com Tom Moore, volvi a New York. Ann então punha-se a escrever. Alliás ella escreve bem, tem estylo e imaginação. Particularmente pela poesia ella tem grande quéda. Meu marido preferia que ella continuasse como escriptora e não pensasse em ser artista. Além disso, como escriptora poderia ajudal-o e era justamente disso que elle precisava e queria.

Havia poemas que, lidos por ella, chegavam a fazel-a bonita a meus olhos, tão emocional era seu modo, e tão sincera sua dicção.

Quando chegou ella aos doze annos, novo contracto para Cinema levou-me novamente a Hollywood. A atmosphera da Cidade deu-lhe novamente a vontade imperiosa de ser artista. Ella não podia mais socegar. E Hollywood clamava por ella com uma força que nem minha vontade de mãe poderia dominar.

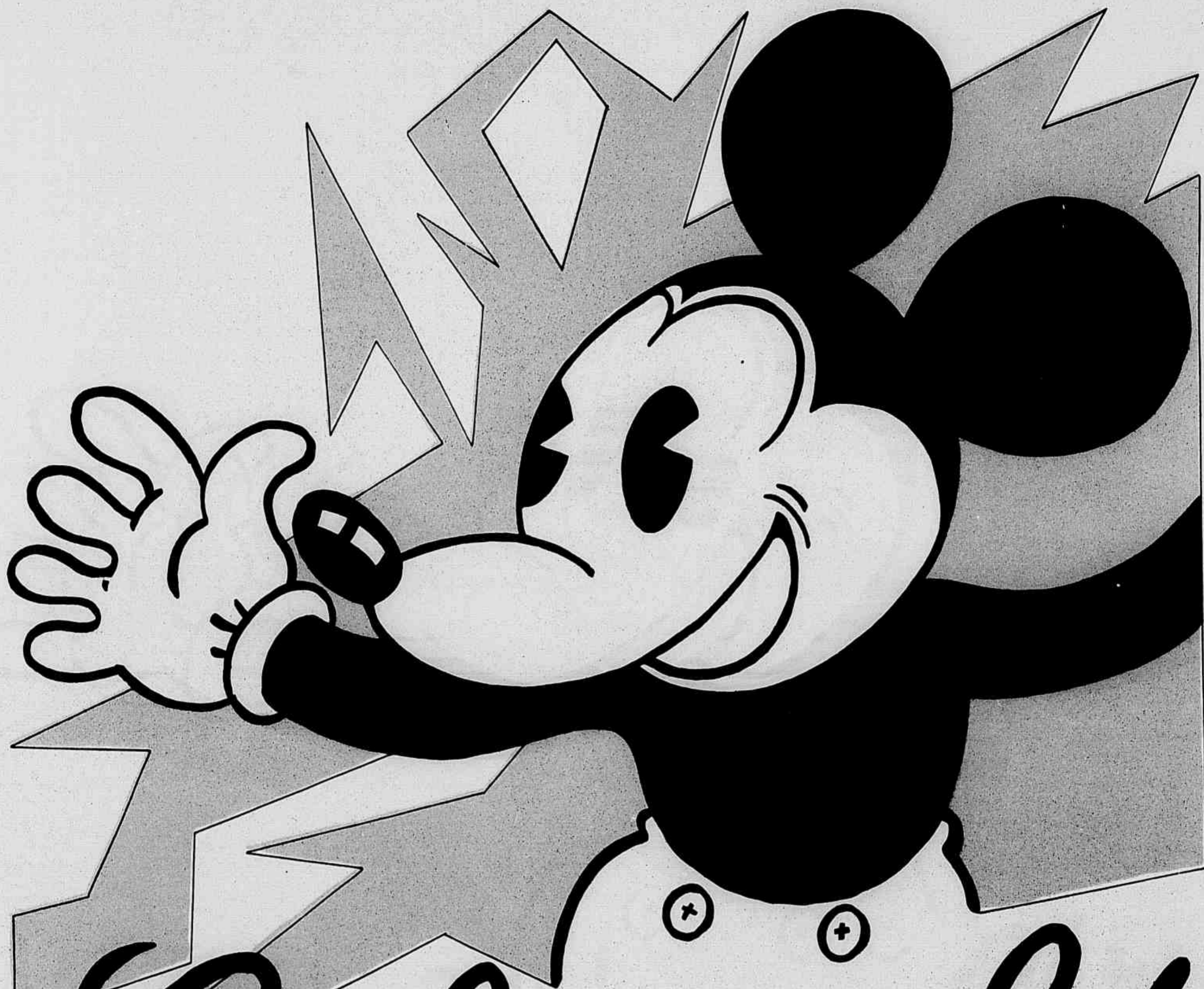
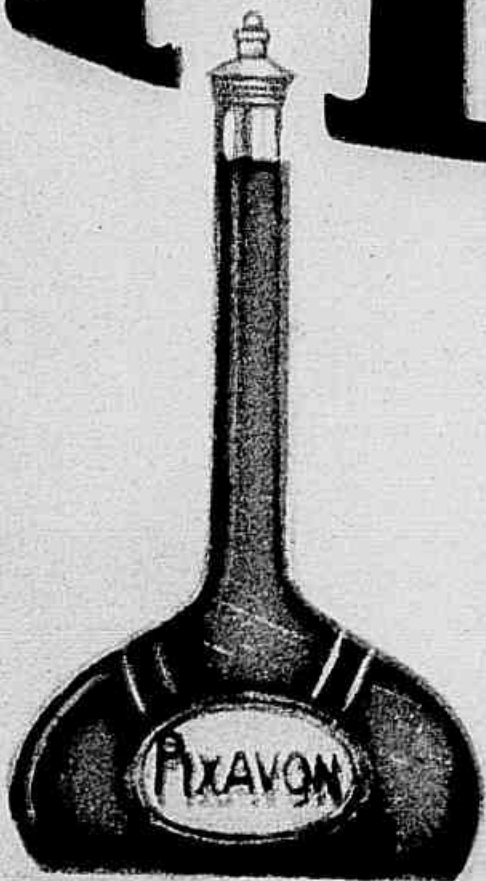
Um dia eu recebi, do collegio em que ella estava, o aviso de que Ann e uma companheira tinham fugido. Eu affirmei que tudo se esclareceria, porque Ann não era do typo de pequena que "foge". A's seis da tarde desse dia Ann chegou. Não lhe disse nada a respeito da telephonada do collegio. Durante uma e duas horas ella nada disse. Depois falou, não se contendo mais: — "Mamãe, hoje eu fugi do collegio. Uma outra pequena e eu chegamos até Eagle Rock. Mas não tive mais coragem de continuar e... aqui estou." Perguntei-lhe porque fugira. "Apenas para sentir a emoção de uma fuga. Você sabe que eu não fugiria, principalmente por não ter motivo algum para isso".

Era a Ann aventureira sempre em scena, insaciavel, fazendo jus ao brinde que lhe fizera na primeira infancia. Eu a aconselhei e, o que era mais, disse-lhe que nossas finanças não andavam boas. Ella espantou-se com a noticia. Aliás um pouco exaggerada... Mas dias depois, no collegio, sabia que ella pagaria menos pelos seus estudos porque iria auxiliar no ensino. E ella, dahi por diante, cheia de meus conselhos e arrependida do que fizera, poz-se a estudar com uma fé incrivel e a fazer varias outras cousas, inclusive um jornal do collegio, uma peça que escreveu e levou á scena e poesias que escreveu e publicou em revistas e jornaes. Uma actividade gigantesca para alguem da idade della, em summa.

Annos passaram-se. Para Cinema Ann tinha um rosto pouco favoravel, porque precisava de certa pollidéla que era justamente o que não tinha. Além disso não se tratava muito e bem por isso iria ser morosa a sua entrada para o Cinema. E o que aconteceu a ella, depois disso, todo mundo hoje já sabe. Apresentou-se para ser corista do *Hollwood Revue* e tornou-se professora de dansa do Studio, ensinando passos até a Joan Crawford. Depois conseguiu um pequeno papel num Film de Ramon Novarro, ainda como bailarian, *Filho do Oriente*, como se sabe e, finalmente, a sua grande "chance" com *Scarface — A Vergonha de uma Nação*, apresentada pela sua grande amiga Karen Morley e victoriosa logo depois do "test". E o que tem sido ultimamente sua carreira, todos os "fans" que a admiram — e não são poucos — sabem de cor.

Seu procedimento presente é que continúa espantando-me. Mas eu ainda saberei o que foi que a levou a proceder assim. E peço a Deus que seja tudo tão decente e correcto como tem sido sua vida toda, pois se bem desejo á minha filha, posso dizer que ainda maior é aquelle que desejo á minha melhor amiga.

* * *

E terminou nossa entrevista com a mãezinha da adoravel Ann Dvorak. Certamente ella ainda falará mais de sua filha. Se o fizer, promptamente nós nos lembraremos de colher esses preciosos pensamentos para um artigo.

Colossal!
o Almanach
d'O Tico-Tico
deste anno!

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas mocas buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON